

Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão

Vademecum para o Sínodo sobre a Sinodalidade

Manual Oficial de Auscultação e Discernimento
nas Igrejas Locais:

Primeira Fase [Outubro 2021 - Abril 2022]
nas Dioceses e Conferências Episcopais
Antes da Assembleia dos Bispos em Sínodo,
em Outubro de 2023



Sínodo dos Bispos – Vaticano

Publicado pela Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos
Via della Conciliazione 34, Cidade do Vaticano
Setembro 2021

Traduzido pelo Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa

Oração pelo Sínodo: *Adsumus Sancte Spiritus*

Todas as sessões do Concílio Vaticano II começavam com a oração *Adsumus Sancte Spiritus*, as primeiras palavras do original latino, que significam: “Estamos diante de Vós, Espírito Santo”, que foi usada historicamente em Concílios, Sínodos e outras reuniões da Igreja ao longo de centenas de anos, e é atribuída a Santo Isidoro de Sevilha (ca. 560 – 4 de abril 636). Ao abraçarmos este Processo Sinodal, esta oração convida o Espírito Santo a trabalhar em nós para que possamos ser uma comunidade e um povo de graça. Para o caminho sinodal de 2021 a 2023, propomos a seguinte versão simplificada, de modo que qualquer grupo ou assembleia litúrgica possa rezá-la mais facilmente.

**Aqui estamos, diante de Vós, Espírito Santo:
estamos todos reunidos no vosso nome.**

**Vinde a nós,
assisti-nos,
descei aos nossos corações.**

**Ensinai-nos o que devemos fazer,
mostrai-nos o caminho a seguir, todos juntos.**

**Não permitais que a justiça seja lesada por nós pecadores,
que a ignorância nos desvie do caminho,
nem as simpatias humanas nos torne parciais,
para que sejamos um em Vós
e nunca nos separemos da verdade.**

**Nós Vo-lo pedimos
a Vós que, sempre e em toda a parte,
agis em comunhão com o Pai e o Filho pelos séculos dos séculos.
Amen.**

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

DOCUMENTO VADEMECUM

1. Introdução

- 1.1. Qual o objetivo deste *Vademecum*?
- 1.2. O que é a sinodalidade? Antecedentes deste Sínodo
- 1.3. Qual é o objetivo deste Sínodo? Objetivos do Processo Sinodal
- 1.4. O tema deste Sínodo, *Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão*
- 1.5. A experiência a nível local

2. Princípios de um Processo Sinodal

- 2.1. Quem pode participar?
- 2.2. Um processo que é verdadeiramente sinodal: Escuta, Discernimento e Participação
- 2.4. Evitar as armadilhas

3. O Processo do Sínodo

- 3.1. A fase diocesana
- 3.2. O papel das Conferências Episcopais e dos Sínodos das Igrejas Orientais
- 3.3. A fase continental
- 3.4. A Assembleia do Sínodo dos Bispos
- 3.5. A fase de implementação

4. Percorrer o Caminho Sinodal nas Dioceses

- 4.1. Resumo do que está previsto na fase diocesana
- 4.2. O papel do Bispo no Processo Sinodal
- 4.3. O papel dos sacerdotes e dos diáconos no Processo Sinodal
- 4.4. O Roteiro (Exemplos de passos para a fase diocesana)
- 4.5. Os Ingredientes Básicos da Experiência Sinodal

5. Recursos para a organização do Processo Sinodal

- 5.1. Metodologia para o Processo Sinodal Diocesano
- 5.2. A dimensão informal do Processo Sinodal
- 5.3. A principal pergunta para a consulta

Uma palavra de gratidão

Nota:

Este *Vademecum* destina-se a ser utilizado por toda a Igreja Católica. Por conseguinte, “Igreja local” refere-se a uma diocese, a uma eparquia, a um ordinariato ou a qualquer outro organismo eclesial equivalente. Do mesmo modo, quando este *Vademecum* usa a expressão “conferência episcopal”, ela corresponde à instituição sinodal relevante de cada Igreja *sui iuris*.

APÊNDICES DO VADEMECUM

Apêndice A

A(s) Pessoa(s)/Equipa(s) de Contacto da Diocese

Apêndice B

Sugestão de um modelo de organização de uma reunião de consulta sinodal

Apêndice C

Reunião Diocesana Pré-Sinodal

Apêndice D

Preparar a síntese diocesana

RECURSOS PARA A ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO SINODAL

[cf. www.synod.va]

- I. Glossário de Termos
- II. Mais perguntas de consulta para orientar o Processo Sinodal
- III. Envolvimento de vários grupos no Processo Sinodal
- IV. Diretrizes e dicas para a escuta a nível local
- V. Recursos bíblicos
- VI. Recursos litúrgicos
- VII. Excertos de documentos relevantes da Igreja
- VIII. O Significado do consenso no Processo Sinodal

PERGUNTAS FREQUENTES SOBRE O SÍNODO

[cf. www.synod.va]

ABREVIATURAS

- DV** CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965)
- EC** FRANCISCO, Constituição apostólica *Episcopalis Communio* (15 de setembro de 2018)
- FT** FRANCISCO, Carta encíclica *Fratelli Tutti* (3 de outubro de 2020)
- GS** CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965)
- CTI, Sin.** COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Sinodalidade na vida e missão da Igreja* (2 de março de 2018)
- LG** CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* (21 de novembro de 1964)
- DP** *Documento Preparatório*
- RM** JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris Missio* (7 de dezembro de 1990)

1. Introdução

1.1. Qual o objetivo deste *Vademecum*?

Este *Vademecum* foi concebido como um manual que acompanha o *Documento Preparatório* ao serviço do itinerário/percurso sinodal. Os dois documentos são complementares e devem ser lidos em conjunto um com o outro. Em particular, o *Vademecum* dá apoio prático à(s) Pessoa(s) (ou Equipa) de Contacto da Diocese, designada pelo Bispo diocesano, para preparar e reunir o Povo de Deus, de modo que possa dar voz à sua experiência na sua Igreja local. Este convite mundial a todos os fiéis é a primeira fase da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, cujo tema é “*Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão*”.

Ao criar a oportunidade de escutar e dialogar a nível local através deste Sínodo, o Papa Francisco está a chamar a Igreja a redescobrir a sua natureza profundamente sinodal. Esta redescoberta das raízes sinodais da Igreja envolverá um processo que nos levará a aprender em conjunto e com humildade como é a Igreja que Deus nos está a chamar a ser no terceiro milénio.

Este manual está disponível como um guia para apoiar os esforços de cada Igreja local e não como um manual de regras. Incentivamos os responsáveis pela organização do processo de escuta e de diálogo a nível local a serem sensíveis à cultura e ao contexto em que vivem, aos recursos e limitações, e a discernir como implementar esta fase sinodal diocesana, guiados pelo seu Bispo diocesano. Incentivamos-vos a tirar ideias úteis deste guia, mas também a partir das vossas próprias circunstâncias locais. É possível encontrar caminhos novos e criativos para trabalhar em conjunto entre paróquias e dioceses, a fim de levar a bom termo este Processo Sinodal. Este Processo Sinodal não deve ser visto como um fardo esmagador em competição com a pastoral local. Pelo contrário, é uma oportunidade para fomentar a conversão sinodal e pastoral de cada Igreja local, de modo que a sua missão seja mais frutuosa.

Muitas regiões já estabeleceram processos de envolvimento com os fiéis a nível das suas paróquias, movimentos e dioceses. Estamos conscientes de que há vários países onde a Igreja local iniciou um diálogo sinodal da sua responsabilidade, incluindo a Assembleia Eclesial na América Latina e Caraíbas, o Concílio Plenário na Austrália, e os caminhos sinodais na Alemanha e Irlanda. Há também muitos sínodos diocesanos que tiveram lugar em todo o mundo, vários deles atualmente em curso. Estas regiões e dioceses são chamadas a articular de forma criativa os processos sinodais já em curso com as fases do Sínodo que está a decorrer atualmente em toda a Igreja. Para diversas outras regiões, a experiência deste Processo Sinodal é um território novo e desconhecido. A nossa intenção é que os recursos disponibilizados através deste *Vademecum* possam fornecer ferramentas úteis para o serviço de todos, propondo práticas boas e frutuosas que possam ser adaptadas ao longo do caminho à medida que caminhamos juntos. Além deste manual, o *Vademecum* inclui: a) recursos litúrgicos, bíblicos e de oração online, bem como b) sugestões e ferramentas metodológicas mais detalhadas, c) exemplos de exercícios sinodais recentes, e d) um Glossário de Termos para o Processo Sinodal.

É especialmente importante que este processo de escuta aconteça num ambiente espiritual que favoreça a abertura na partilha, bem como na escuta. Por este motivo, incentivamos a

enraizar a experiência local do Processo Sinodal na meditação da Sagrada Escritura, na liturgia e na oração. Deste modo, o nosso caminho de escuta pode ser uma experiência autêntica de discernimento da voz do Espírito Santo. O discernimento autêntico torna-se possível onde há tempo para uma reflexão profunda e um espírito de confiança recíproca, uma fé comum e um propósito comum.

O *Documento Preparatório* recorda-nos o contexto em que este Sínodo está a ter lugar – uma pandemia global, conflitos locais e internacionais, crescente impacto das alterações climáticas, migrações, várias formas de injustiça, racismo, violência, perseguição e desigualdades a crescer em toda a humanidade, para citar apenas alguns. Na Igreja, o contexto é também marcado pelo sofrimento experimentado por menores e pessoas vulneráveis “por causa de abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas”¹. Dito tudo isto, encontramos-nos num momento crucial na vida da Igreja e do mundo. A pandemia da Covid-19 fez explodir as desigualdades existentes. Ao mesmo tempo, esta crise global reavivou o nosso sentimento de estarmos todos no mesmo barco, e que “o mal de um prejudica a todos” (FT 32). O contexto da pandemia da Covid-19 irá certamente afetar o desenrolar do Processo Sinodal. Esta pandemia global lança verdadeiros desafios logísticos, mas dá também a oportunidade de promover a revitalização da Igreja num momento crítico da história humana, quando muitas Igrejas locais se deparam com várias questões sobre o caminho a seguir.

No meio deste contexto, a sinodalidade representa o caminho capaz de renovar a Igreja pela ação do Espírito Santo, escutando juntos o que Deus tem a dizer ao seu povo. Contudo, este caminhar juntos não só nos une mais profundamente uns aos outros como Povo de Deus, como também nos envia a prosseguir a nossa missão como testemunha profética que abraça toda a família da humanidade, juntamente com as confissões cristãs nossas irmãs e outras tradições de fé.

1.2. O que é a sinodalidade? Antecedentes deste Sínodo

Ao convocar este Sínodo, o Papa Francisco convida toda a Igreja a refletir sobre um tema que é decisivo para a sua vida e missão: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio”². No seguimento da renovação da Igreja proposta pelo Concílio Vaticano II, este caminho em conjunto é simultaneamente um dom e uma tarefa. Refletindo juntos sobre o caminho feito até agora, os diversos membros da Igreja poderão aprender com as experiências e perspetivas uns dos outros, guiados pelo Espírito Santo (DP 1). Iluminados pela Palavra de Deus e unidos em oração, seremos capazes de discernir os processos para procurar a vontade de Deus e dar seguimento aos caminhos para os quais Deus nos chama – rumo a uma comunhão mais profunda, a uma participação mais plena e a uma maior abertura ao cumprimento da nossa missão no mundo. A Comissão Teológica Internacional (CTI) descreve assim a sinodalidade (nn. 3 e 70):

“Sínodo” é uma palavra antiga e veneranda na Tradição da Igreja, cujo significado recorda os conteúdos mais profundos da Revelação. [...] Indica o caminho que os

¹ FRANCISCO, *Carta ao Povo de Deus* (20 de agosto de 2018).

² FRANCISCO, *Discurso por ocasião da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos* (17 de outubro de 2015).

membros do Povo de Deus percorrem juntos. Remete, portanto, para o Senhor Jesus que se apresenta a si mesmo como «o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6), e para o facto de os cristãos, seguindo Jesus, serem chamados nas origens «os discípulos do caminho» (cf. At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22).

A sinodalidade designa, antes de mais, o *estilo* peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja, exprimindo a sua natureza como Povo de Deus que caminha em conjunto e se reúne em assembleia, convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o Evangelho. Ela deve exprimir-se no modo ordinário de viver e de agir da Igreja.

Neste sentido, a sinodalidade permite que todo o Povo de Deus caminhe em conjunto, escutando o Espírito Santo e a Palavra de Deus, para participar na missão da Igreja na comunhão que Cristo estabelece entre nós. Em última análise, este caminho a percorrer juntos é a forma mais eficaz de manifestar e pôr em prática a natureza da Igreja como Povo peregrino e missionário de Deus (DP 1).

Pelo Batismo, todo o Povo de Deus tem em comum a mesma dignidade e a mesma vocação. Em virtude do nosso Batismo, todos somos chamados a ser participantes ativos na vida da Igreja. Nas paróquias, nas pequenas comunidades cristãs, nos movimentos leigos, nas comunidades religiosas e noutras formas de comunhão, mulheres e homens, jovens e idosos, somos todos convidados a escutar-nos uns aos outros para ouvirmos os murmúrios do Espírito Santo, que vem guiar os nossos esforços humanos, exalando sobre a Igreja um sopro de vida e de vitalidade e conduzindo-nos a uma comunhão mais profunda para a nossa missão no mundo. À medida que a Igreja embarca neste caminho sinodal, devemos esforçar-nos por nos basearmos em experiências de escuta e discernimento autênticos no caminho de nos tornarmos a Igreja que Deus nos chama a ser.

1.3. Qual é o objetivo deste Sínodo? Objetivos do Processo Sinodal

A Igreja reconhece que a sinodalidade é parte integrante da sua verdadeira natureza. Ser Igreja sinodal exprime-se nos Concílios ecuménicos, nos Sínodos dos Bispos, nos Sínodos diocesanos e nos conselhos diocesanos e paroquiais. Há muitas maneiras pelas quais já experimentamos formas de “sinodalidade” pela Igreja fora. No entanto, ser Igreja sinodal não se limita a estas instituições já existentes. De facto, a sinodalidade não é tanto um acontecimento ou um slogan, mas um estilo e uma forma de ser pela qual a Igreja vive a sua missão no mundo. A missão da Igreja exige que todo o Povo de Deus esteja num caminho em conjunto, com cada membro a desempenhar o seu papel crucial, unidos uns aos outros. Uma Igreja sinodal caminha em comunhão para prosseguir uma missão comum através da participação de cada um dos seus membros. O objetivo deste Processo Sinodal não é proporcionar uma experiência temporária ou única de sinodalidade, mas proporcionar uma oportunidade para todo o Povo de Deus discernir em conjunto como progredir no caminho para ser uma Igreja mais sinodal a longo prazo.

Um dos frutos do Concílio Vaticano II foi a instituição do Sínodo dos Bispos. Embora o Sínodo dos Bispos se tenha realizado até agora como uma reunião de bispos com e sob a autoridade do Papa, a Igreja apercebe-se cada vez mais de que a sinodalidade é o caminho para todo o Povo de Deus. Assim, o Processo Sinodal já não é apenas uma assembleia de bispos, mas um

caminho para todos os fiéis, na qual cada Igreja local tem um papel integral a desempenhar. O Concílio Vaticano II revigorou a sensação de que todos os batizados, tanto a hierarquia como os leigos, são chamados a ser participantes ativos na missão salvífica da Igreja (LG 32-33). Os fiéis receberam o Espírito Santo no batismo e na confirmação e estão dotados de diferentes dons e carismas para a renovação e edificação da Igreja, como membros do Corpo de Cristo. Assim, a autoridade pedagógica do Papa e dos bispos está em diálogo com o *sensus fidelium*, a voz viva do Povo de Deus³. O caminho da sinodalidade procura tomar decisões pastorais que reflitam ao máximo possível a vontade de Deus, fundamentando-as na voz viva do Povo de Deus⁴. Note-se que a colaboração com teólogos – leigos, ministros ordenados e religiosos – pode ser um apoio útil para articular a voz do Povo de Deus que exprime a realidade da fé com base na experiência vivida.

Se os Sínodos mais recentes examinaram temas como a Nova Evangelização, a Família, os Jovens e a Amazônia, este Sínodo concentra-se no tema da sinodalidade em si mesma.

O atual Processo Sinodal que estamos a empreender é orientado por uma questão fundamental: ***Como é que este "caminhar juntos" tem lugar, hoje, a diferentes níveis (desde o local ao universal), permitindo que a Igreja anuncie o Evangelho? E quais os passos que o Espírito nos convida a dar para crescermos como Igreja sinodal? (DP 2).***

Nesta perspetiva, o objetivo do atual Sínodo é escutar, com todo o Povo de Deus, o que o Espírito Santo está a dizer à Igreja. Fazemo-lo escutando juntos a Palavra de Deus na Sagrada Escritura e na Tradição viva da Igreja e, depois, escutando-nos uns aos outros e especialmente aos que estão à margem, discernindo os sinais dos tempos. De facto, todo o Processo Sinodal visa promover uma experiência vivida de discernimento, participação e corresponsabilidade, onde se reúne uma diversidade de dons para a missão da Igreja no mundo.

Neste sentido, é evidente que o objetivo deste Sínodo não é produzir mais documentos. Pelo contrário, destina-se a inspirar as pessoas a sonhar com a Igreja que somos chamados a ser, a fazer florescer as esperanças das pessoas, a estimular a confiança, a vendar as feridas, a tecer relações novas e mais profundas, a aprender uns com os outros, a construir pontes, a iluminar mentes, a aquecer corações e a dar força de novo às nossas mãos para a nossa missão comum (DP, 32). Assim, o objetivo deste Processo Sinodal não é apenas fazer uma série de exercícios que começam e param, mas um caminho de crescimento autêntico rumo à comunhão e à missão que Deus chama a Igreja a viver no terceiro milénio.

Este caminho em conjunto será um chamamento a renovar as nossas mentalidades e as nossas estruturas eclesiais, a fim de vivermos o chamamento que Deus faz à Igreja por entre os atuais sinais dos tempos. Escutar todo o Povo de Deus ajudará a Igreja a tomar decisões pastorais que correspondam o mais possível à vontade de Deus⁵. A perspetiva última que orienta este caminho sinodal da Igreja é servir o diálogo de Deus com a humanidade (DV 2) e caminhar juntos pelo Reino de Deus (cf. LG 9; RM 20). No final, este Processo Sinodal procura avançar para uma Igreja que seja mais frutuosa ao serviço da vinda do Reino dos Céus.

³ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *O Sensus Fidei na vida da Igreja*, 74.

⁴ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 68.

⁵ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 68.

1.4. O tema deste Sínodo, Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão

Na cerimónia de comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2015, o Papa Francisco declarou que “o mundo, em que vivemos e que somos chamados a amar e servir mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão”. Este chamamento à cooperação na missão da Igreja é dirigido a todo o Povo de Deus. O Papa Francisco deixou isto bem claro quando fez um convite direto a todo o Povo de Deus para contribuir para os esforços da Igreja no sentido da cura: “é necessário que cada batizado se sinta envolvido na transformação eclesial e social de que tanto necessitamos. Esta transformação exige conversão pessoal e comunitária e leva-nos a olhar na mesma direção do olhar do Senhor”. Em abril de 2021, o Papa Francisco deu início a um caminho sinodal de todo o Povo de Deus, a começar em outubro de 2021 em cada Igreja local e a culminar em outubro de 2023 na Assembleia do Sínodo dos Bispos.

PALAVRAS-CHAVE PARA O PROCESSO SINODAL

O tema do Sínodo é “Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão”. As três dimensões do tema são **comunhão**, **participação** e **missão**. Estas três dimensões estão profundamente interrelacionadas. Elas são os pilares vitais de uma Igreja sinodal. Não há hierarquia entre elas. Pelo contrário, cada uma enriquece e orienta as outras duas. Há uma relação dinâmica entre as três que deve ser articulada tendo em conta as três em conjunto.

→ **Comunhão**: Pela sua graciosa vontade, Deus reúne-nos como povos diversos de uma só fé, através da aliança que oferece ao seu povo. A comunhão que partilhamos encontra as suas raízes mais profundas no amor e na unidade da Trindade. É Cristo que nos reconcilia com o Pai e nos une uns aos outros no Espírito Santo. Juntos, somos inspirados pela escuta da Palavra de Deus, através da Tradição viva da Igreja, e com base no *sensus fidei* que partilhamos. Todos temos um papel a desempenhar no discernimento e na vivência do chamamento que Deus faz ao seu povo.

→ **Participação**: Um chamamento ao envolvimento de todos os que pertencem ao Povo de Deus – leigos, consagrados e ministros ordenados – para se empenharem no exercício de uma escuta profunda e respeitosa uns dos outros. Esta escuta cria espaço para ouvirmos juntos o Espírito Santo e guia as nossas aspirações para a Igreja do Terceiro Milénio. “A participação fundamenta-se no facto de que todos os fiéis estarem capacitados e serem chamados a colocar ao serviço uns dos outros os dons que cada um recebeu do Espírito Santo. [...] Na Igreja sinodal, toda a comunidade, na livre e rica diversidade dos seus membros, é convocada para *rezar, escutar, analisar, dialogar, discernir e aconselhar na hora de tomar as decisões pastorais* mais de acordo com a vontade de Deus”⁶. É preciso esforçar-se genuinamente por assegurar a inclusão das pessoas marginalizadas ou que se sentem excluídas.

→ **Missão**: A Igreja existe para evangelizar. Nunca podemos estar centrados em nós mesmos. A nossa missão é testemunhar o amor de Deus no meio de toda a família humana. Este Processo Sinodal tem uma dimensão profundamente missionária. Destina-se a deixar que a

⁶ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 67-68.

Igreja testemunhe melhor o Evangelho, especialmente com aqueles que vivem nas periferias espirituais, sociais, económicas, políticas, geográficas e existenciais do nosso mundo. Deste modo, a sinodalidade é um caminho pelo qual a Igreja pode cumprir mais frutuosamente a sua missão de evangelização no mundo, como fermento ao serviço da vinda do Reino de Deus.

1.5. A experiência a nível local

A primeira fase do Processo Sinodal é uma fase de escuta nas Igrejas locais. Após uma celebração de abertura em Roma, no sábado, 9 de outubro de 2021, a fase diocesana do Sínodo terá início no domingo, 17 de outubro de 2021. Para ajudar na fase inicial do caminho sinodal, o Secretário Geral do Sínodo dos Bispos, o Cardeal Mario Grech, escreveu a cada Bispo no mês de maio de 2021, convidando-o a nomear uma pessoa ou uma equipa de contacto para liderar a fase local de escuta. Esta pessoa ou equipa serve também de elo de ligação entre a diocese e as paróquias, bem como entre a diocese e a Conferência Episcopal. As Igrejas locais são convidadas a entregar as suas respostas à respetiva Conferência Episcopal para permitir reunir as ideias antes da data-limite de abril de 2022. Desta forma, as Conferências Episcopais e os Sínodos das Igrejas Orientais podem, por sua vez, enviar uma síntese à Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. Este material será sintetizado como base para a redação de dois documentos de trabalho (conhecidos como *Instrumentum Laboris*). Finalmente, a Assembleia do Sínodo dos Bispos terá lugar em Roma, em outubro de 2023.

Como está indicado no *Documento Preparatório* (n.º 31):

A finalidade da primeira fase do caminho sinodal é favorecer um amplo processo de consulta, para recolher a riqueza das experiências de sinodalidade vivida, nas suas diferentes articulações e aspetos, envolvendo os Pastores e os Fiéis das Igrejas particulares em todos os diversificados níveis, através dos meios mais adequados, em conformidade com as realidades locais específicas: a consulta, coordenada pelo Bispo, destina-se “aos Presbíteros, Diáconos e Fiéis leigos das suas Igrejas [locais], individualmente ou associados, sem transcurar a valiosa contribuição que pode vir dos Consagrados e das Consagradas” (EC 7). De maneira particular, solicita-se o contributo dos órgãos de participação das Igrejas particulares, especialmente do Conselho presbiteral e do Conselho pastoral, a partir dos quais verdadeiramente “pode começar [verdadeiramente] a tomar forma uma Igreja sinodal”⁷. Será igualmente preciosa a contribuição das outras realidades eclesiais às quais o *Documento Preparatório* [e este *Vademecum*] for enviado, assim como daqueles que quiserem enviar diretamente a própria contribuição. Finalmente, será de importância fundamental que encontre espaço também a voz dos pobres e dos excluídos, e não somente daqueles que desempenham alguma função ou responsabilidade no seio das Igrejas particulares.

As comunidades religiosas, movimentos laicais, associações de fiéis e outros grupos eclesiais são encorajados a participar no Processo Sinodal no contexto das Igrejas locais. No entanto, têm a possibilidade de, tal como qualquer grupo ou indivíduo que não tenha oportunidade de o fazer a nível local, enviar os seus contributos diretamente para a Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, como se afirma na *Episcopalis Communio* (art. 6 sobre a *Consulta do Povo de Deus*):

⁷ FRANCISCO, *Discurso por ocasião da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos* (17 de outubro de 2015).

§ 1. A consulta do Povo de Deus realiza-se nas Igrejas particulares, por meio dos Sínodos dos Bispos das Igrejas Patriarcais e Arquiepiscopais Maiores, dos Conselhos dos Hierarcas e das Assembleias dos Hierarcas das Igrejas *sui iuris* e das Conferências Episcopais. Em cada Igreja particular, os Bispos realizam a consulta do Povo de Deus servindo-se dos Órgãos de participação previstos pelo Direito, sem excluir qualquer outra modalidade que considerem oportuna.

§ 2. As Uniões, as Federações e as Conferências masculinas e femininas dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica consultam os Superiores Maiores, que, por sua vez, podem interpelar os respetivos Conselhos e também outros Membros dos referidos Institutos e Sociedades.

§ 3. Do mesmo modo, também as Associações de fiéis reconhecidas pela Santa Sé consultam os seus Membros.

§ 4. Os Dicastérios da Cúria Romana dão o seu contributo, tendo em conta as respetivas competências específicas.

§ 5. A Secretaria Geral do Sínodo pode encontrar ainda outras formas de consulta do Povo de Deus.

Cada fase de escuta será adaptada às circunstâncias locais. As pessoas em comunidades distantes com acesso limitado à Internet terão provavelmente um envolvimento diferente das pessoas que vivem em ambientes urbanos. É provável que as comunidades atualmente a braços com a pandemia da Covid-19 organizem oportunidades de diálogo e de escuta diferentes das que têm elevadas taxas de recuperação. Quaisquer que sejam as circunstâncias locais, incentivamos a(s) pessoa(s) diocesana(s) de contacto a tentar o **máximo de inclusão e participação**, chegando ao maior número de pessoas possível, e **especialmente às que se encontram na periferia e que, muitas vezes, são excluídas e esquecidas**. Incentivar a mais ampla participação possível ajudará a assegurar que as sínteses formuladas a nível das dioceses, das conferências episcopais e de toda a Igreja captaram as verdadeiras realidades e a experiência vivida do Povo de Deus. Uma vez que este compromisso do Povo de Deus é fundacional e, para muitos, esta é a primeira vez que saboreiam a experiência de sinodalidade, é essencial que cada exercício de escuta local seja orientado pelos princípios de comunhão, participação e missão que inspiram este caminho sinodal. O desenrolar do Processo Sinodal a nível local também deve envolver:

- **Discernimento** através da escuta, para deixar que seja o Espírito Santo a guiar.
- **Acessibilidade**, a fim de assegurar que o maior número possível de pessoas pode participar, independentemente da localização, da língua, da educação, do estatuto socioeconómico, da capacidade/incapacidade (deficiência) e dos recursos materiais.
- **Sensibilidade cultural** para celebrar e abraçar a diversidade no seio das comunidades locais.
- **Inclusão**, fazendo todos os esforços possíveis para envolver as pessoas que se sentem excluídas ou marginalizadas.
- **Parceria**, com base no modelo de uma Igreja corresponsável.
- **Respeito** pelos direitos, dignidade e opinião de cada participante.

- **Síntese precisa** que capte verdadeiramente o leque de perspectivas de crítica e de apreciação de todas as respostas, incluindo opiniões que são expressas apenas por uma minoria de participantes.
- **Transparência**, assegurando que os processos de convite, envolvimento, inclusão e reunião de contributos sejam claros e bem comunicados.
- **Justiça**, assegurando que a participação no processo de escuta trata cada pessoa de forma igual, de modo que cada voz possa ser devidamente ouvida.

Incentivamos as Pessoas de Contacto da Diocese a explorar a riqueza da experiência vivida da Igreja no seu contexto local. Ao longo da fase diocesana, é útil ter presente os princípios do Processo Sinodal e a necessidade de alguma estrutura para a conversa, de modo que esta possa ser sintetizada e informar eficazmente a redação dos documentos de trabalho (*Instrumentum Laboris*). O nosso objetivo é estar atento à forma como o Espírito fala através do Povo de Deus.

2. Princípios de um Processo Sinodal

2.1. Quem pode participar?

Vemos ao longo dos Evangelhos como Jesus se estende a todos. Ele não se limita a salvar as pessoas individualmente, mas salva-as como um povo que Ele mesmo reúne, enquanto único Pastor de todo o rebanho (cf. *Jo* 10,16). O ministério de Jesus mostra-nos que ninguém é excluído do plano salvífico de Deus.

O trabalho de evangelização e a mensagem de salvação não podem ser compreendidos sem a permanente abertura de Jesus a um público o mais vasto possível. Os Evangelhos referem-se a isto como a *multidão*, composta por todas as pessoas que seguem Jesus ao longo do caminho e por todos os que Jesus chama a segui-lo. O Concílio Vaticano II salienta que “todos os homens e mulheres são chamados ao novo povo de Deus” (LG 13). Deus está verdadeiramente a trabalhar em todo o povo que Ele reuniu. É por isso que “a totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo não pode enganar-se na fé. E esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do discernimento sobrenatural da fé do povo todo, quando este, desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis, manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes” (LG 12). O Concílio salienta ainda que tal discernimento é animado pelo Espírito Santo e procede através do diálogo entre todos os povos, lendo os sinais dos tempos em fidelidade aos ensinamentos da Igreja.

Nesta perspetiva, o objetivo desta fase diocesana é consultar o Povo de Deus para que o Processo Sinodal seja levado a cabo através da escuta de **todos os batizados**. Ao convocar este Sínodo, o Papa Francisco está a convidar todos os batizados a participar neste Processo Sinodal que começa a nível diocesano. As dioceses são chamadas a ter em conta que os principais sujeitos desta experiência sinodal são todos os batizados. É preciso ter especial cuidado para envolver as pessoas que possam correr o risco de serem excluídas: mulheres, deficientes, refugiados, migrantes, idosos, pessoas que vivem na pobreza, católicos que

raramente ou nunca praticam a sua fé, etc. É necessário também encontrar meios criativos para envolver as crianças e os jovens.

Juntos, todos os batizados são o sujeito do *sensus fidelium*, a voz viva do Povo de Deus. Ao mesmo tempo, para participar plenamente no ato de discernimento, é importante que os batizados escutem a voz de outras pessoas do seu contexto local, incluindo pessoas que abandonaram a prática da fé, pessoas de outras tradições de fé, pessoas sem crença religiosa, etc. Efetivamente, como declara o Concílio: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1).

Por esta razão, enquanto **todos os batizados** são especificamente convocados a participar no Processo Sinodal, **ninguém** – não importa a sua filiação religiosa – **deve ser excluído** de partilhar a sua perspectiva e experiências, na medida em que querem ajudar a Igreja no seu caminho sinodal de procura do que é bom e verdadeiro. Isto vale especialmente para aqueles que são mais vulneráveis ou marginalizados.

2.2. Um processo que é verdadeiramente sinodal: Escuta, Discernimento e Participação

O Processo Sinodal é, antes de mais, um processo *espiritual*. Não é um exercício mecânico de recolha de dados ou uma série de reuniões e debates. A escuta sinodal tem em vista o *discernimento*. Requer que aprendamos e nos exercitemos na arte do discernimento pessoal e comunitário. Escutamo-nos uns aos outros, a nossa tradição de fé e os sinais dos tempos, de modo a discernir o que Deus está a dizer a todos nós. O Papa Francisco caracteriza os dois objetivos interrelacionados deste processo de escuta: “escuta de Deus até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama”⁸.

Este tipo de discernimento não é apenas um exercício único; em última análise, é um modo de vida, fundamentado em Cristo, seguindo a orientação do Espírito Santo, vivendo para a maior glória de Deus. O discernimento comunitário ajuda a construir comunidades florescentes e resilientes para a missão da Igreja de hoje. O discernimento é uma graça de Deus, mas requer o nosso envolvimento humano de formas simples: rezar, refletir, prestar atenção à disposição interior, escutar e falar uns com os outros de forma autêntica, significativa e acolhedora.

A Igreja oferece-nos várias chaves para o discernimento espiritual. Num sentido espiritual, o discernimento é a arte de interpretar para onde nos conduzem os desejos do coração, sem nos deixarmos seduzir por aquilo que nos leva aonde nunca quisemos ir. O discernimento envolve reflexão e implica tanto o coração como a cabeça na tomada de decisões nas nossas vidas concretas para procurar e encontrar a vontade de Deus.

Se escutar é o método do Processo Sinodal e discernir é o objetivo, então a participação é o caminho. Fomentar a participação leva-nos a envolver outros que têm opiniões diferentes das nossas. Ouvir aqueles que têm os mesmos pontos de vista que nós não dá frutos. O diálogo

⁸ FRANCISCO, *Discurso por ocasião da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos* (17 de outubro de 2015).

implica encontrar-se com opiniões diferentes. De facto, muitas vezes, Deus fala através da voz daqueles que, facilmente, podemos excluir, pôr de lado ou deixar de contar com eles. Devemos fazer um esforço especial para ouvir aqueles que podemos ser tentados a considerar pessoas menos importantes e aqueles que nos obrigam a considerar novos pontos de vista que podem mudar a nossa forma de pensar.

2.3. Atitudes para participar no Processo Sinodal

Em várias ocasiões, o Papa Francisco partilhou o modo como vê a prática da sinodalidade no concreto. As atitudes que se seguem são atitudes particulares que permitem uma escuta e um diálogo genuínos, na nossa participação no Processo Sinodal.

- **Ser sinodal requer tempo para a partilha:** Somos convidados a falar com coragem e honestidade autênticas (*parrhesia*) a fim de integrar a *liberdade*, a *verdade* e a *caridade*. Todos podem crescer em compreensão através do diálogo.
- **A humildade de escutar deve corresponder à coragem de falar:** Todos têm o direito de ser ouvidos, tal como todos têm o direito de falar. O diálogo sinodal depende da coragem tanto para falar como para escutar. Não se trata de entrar em debate para convencer os outros. Trata-se, antes, de acolher o que os outros dizem como um modo através do qual o Espírito Santo pode falar para o bem de todos (*1Cor 12,7*).
- **O diálogo conduz-nos à novidade:** Temos de estar dispostos a mudar as nossas opiniões com base no que ouvimos dos outros.
- **Abertura à conversão e à mudança:** Muitas vezes podemos oferecer resistência ao que o Espírito Santo está a tentar inspirar-nos a realizar. Somos chamados a abandonar atitudes de complacência e de conforto que nos levam a tomar decisões com base apenas na forma como se fazia no passado.
- **Os Sínodos são um exercício eclesial de discernimento:** O discernimento baseia-se na convicção de que Deus age no mundo e de que nós somos chamados a escutar o que o Espírito nos sugere.
- **Somos sinais de uma Igreja que escuta e caminha:** Ao escutar, a Igreja segue o exemplo do próprio Deus que escuta o grito do seu povo. O Processo Sinodal dá-nos a oportunidade de nos abirmos à escuta de forma autêntica, sem recorrer a respostas prontas ou a julgamentos pré-formulados.
- **Deixar para trás preconceitos e estereótipos:** Podemos sentir o peso das nossas fraquezas e do nosso pecado. O primeiro passo para escutar é libertar a nossa mente e o nosso coração dos preconceitos e estereótipos que nos levam por caminhos errados, conduzindo-nos à ignorância e à divisão.
- **Vencer o flagelo do clericalismo:** A Igreja é o Corpo de Cristo, cheia de diferentes carismas, em que cada membro tem um papel único a desempenhar. Todos dependemos uns dos outros e todos temos a mesma dignidade no seio do Povo santo de Deus. À imagem de Cristo, o verdadeiro poder é o serviço. A sinodalidade exige que os pastores escutem atentamente o rebanho confiado aos seus cuidados, tal como requer que os leigos expressem os seus pontos de vista com liberdade e honestidade. Todos se escutam uns aos outros por amor, num espírito de comunhão e da nossa missão comum. Desta forma, o

poder do Espírito Santo manifesta-se de múltiplas maneiras em todo o Povo de Deus e através dele.

- **Curar o vírus da autossuficiência:** Estamos todos no mesmo barco. Juntos formamos o Corpo de Cristo. Pondo de lado a miragem da autossuficiência, podemos aprender uns com os outros, caminhar juntos e estar uns ao serviço dos outros. Podemos construir pontes mais que muros que por vezes ameaçam separar-nos: idade, sexo, riqueza, capacidade, educação, etc.
- **Derrotar as ideologias:** Devemos evitar o risco de dar mais importância às ideias do que à realidade da vida de fé que as pessoas vivem em concreto.
- **Dar origem à esperança:** Fazer o que está certo e é verdadeiro não tem por finalidade chamar a atenção ou fazer manchetes; o objetivo é ser fiel a Deus e servir o seu Povo. Somos chamados a ser faróis de esperança, não profetas da desgraça.
- **Os Sínodos são um tempo para sonhar e “gastar tempo com o futuro”:** Somos encorajados a criar um processo local que inspire as pessoas, sem excluir ninguém, a criar uma visão do futuro cheia da alegria do Evangelho. As seguintes disposições ajudarão os participantes (cf. *Christus Vivit*):
 - **Uma perspetiva inovadora:** “Encontrar caminhos sempre novos com criatividade e audácia” (CV 203).
 - **Ser inclusivo:** “Uma Igreja participativa e corresponsável, capaz de valorizar a riqueza da variedade que a compõe” (CV 206), abraça todos aqueles que, muitas vezes, esquecemos ou ignoramos.
 - **Uma mente aberta:** Evitemos rótulos ideológicos e utilizemos todas as metodologias que tenham dado bons resultados (cf. CV 205).
 - **Ouvir todos e cada um:** “Aprendendo uns com os outros, poderemos refletir melhor esse poliedro maravilhoso que deve ser a Igreja de Jesus Cristo” (CV 207).
 - **Uma compreensão de “caminhar juntos”:** Percorrer o caminho que Deus chama a Igreja a fazer para o terceiro milénio.
 - **Compreender o conceito de uma Igreja corresponsável:** Valorizar e envolver o papel e vocação únicos de cada membro do Corpo de Cristo, em ordem à renovação e à edificação de toda a Igreja (cf. CV 206-207).
 - **Aproximação através do diálogo ecuménico e inter-religioso:** Sonhar juntos e caminhar uns com os outros através de toda a família humana (cf. CV 172; 235).

2.4. Evitar as armadilhas

Como em qualquer viagem, precisamos de estar conscientes das armadilhas que podem vir a dificultar o nosso progresso durante este tempo de sinodalidade. Apresentamos, de seguida, várias armadilhas que é preciso evitar, para promover a vitalidade e a fecundidade do Processo Sinodal.

- 1) **A tentação de querermos ser o guia de nós mesmos em vez de nos deixarmos guiar por Deus.** A sinodalidade não é um exercício estratégico corporativo. É, antes, um processo espiritual conduzido pelo Espírito Santo. Podemos sentir a tentação de esquecermos a nossa identidade de peregrinos e servos no caminho que Deus traçou para nós. Os nossos humildes esforços de organização e coordenação estão ao serviço de Deus que nos guia pelo caminho. Somos barro nas mãos do divino oleiro (*Is 64,8*).
- 2) **A tentação de nos concentrarmos em nós próprios e nas nossas preocupações imediatas.** O Processo Sinodal é uma oportunidade para nos abriremos, para olharmos à nossa volta, para vermos as coisas a partir de outros pontos de vista e para sairmos em perspectiva missionária em direção às periferias. Isto implica que pensemos a longo prazo. Significa também alargar as nossas perspetivas à escala da dimensão de toda a Igreja e questionar-nos: Qual o projeto de Deus para a Igreja aqui e agora? Como podemos implementar o sonho de Deus para a Igreja a nível local?
- 3) **A tentação de ver apenas “problemas”.** Os desafios, as dificuldades e as complicações que o nosso mundo e a nossa Igreja enfrentam são muitos. No entanto, fixar-nos apenas nos problemas é um caminho com uma única saída: sentir-nos esmagados, desencorajados e cínicos. Se nos concentrarmos apenas na escuridão, podemos deixar de ver a luz. Em vez de nos concentrarmos apenas no que não está a correr bem, vamos apreciar os lugares onde o Espírito Santo já está a gerar vida e ver como podemos deixar que Deus trabalhe mais plenamente.
- 4) **A tentação de nos concentrarmos apenas nas estruturas.** O Processo Sinodal exigirá naturalmente uma renovação das estruturas a vários níveis da Igreja, a fim de fomentar uma comunhão mais profunda, uma participação mais plena, e uma missão mais frutuosa. Ao mesmo tempo, a experiência da sinodalidade não devia concentrar-se antes de mais nas estruturas, mas na experiência de caminhar juntos para discernir o caminho a seguir, inspirados pelo Espírito Santo. A conversão e a renovação das estruturas só serão possíveis através da conversão e renovação permanentes de todos os membros do Corpo de Cristo.
- 5) **A tentação de um olhar que não ultrapassa os limites visíveis da Igreja.** Dando expressão ao Evangelho nas nossas vidas, as leigas e os leigos atuam como fermento no mundo em que vivemos e trabalhamos. Um Processo Sinodal é um tempo de diálogo com pessoas do mundo da economia e da ciência, da política e da cultura, das artes e do desporto, dos meios de comunicação e das iniciativas sociais. Será um tempo para refletir sobre a ecologia e a paz, sobre várias questões da vida e sobre as migrações. É preciso ter horizontes bem alargados com o objetivo de cumprirmos a nossa missão no mundo. O Processo Sinodal é também uma oportunidade para aprofundar o caminho ecuménico com as outras confissões cristãs, bem como o nosso diálogo com outras tradições de fé.
- 6) **A tentação de perder de vista os objetivos do Processo Sinodal.** À medida que avançamos no itinerário do Sínodo, temos de ter cuidado para que, apesar da abrangência das nossas discussões, o Processo Sinodal mantenha o objetivo de discernir a forma como Deus nos chama a caminhar juntos. Nenhum Processo Sinodal vai resolver todas as nossas preocupações e problemas. A sinodalidade é uma atitude e uma abordagem que permitem um progresso corresponsável e aberto a acolher juntos os frutos de Deus ao longo do tempo.
- 7) **A tentação do conflito e da divisão.** “Que todos sejam um só” (*Jo 17,21*). Esta é a oração ardente de Jesus ao Pai, pedindo a unidade entre os seus discípulos. O Espírito Santo leva-

nos mais profundamente à comunhão com Deus e uns com os outros. As sementes da divisão não dão frutos. É inútil tentar impor as nossas ideias a todo o Corpo através da pressão ou desacreditar quem sente as coisas de maneira diferente de nós.

- 8) **A tentação de tratar o Sínodo como uma espécie de parlamento.** Isto confunde a sinodalidade com uma “batalha política” em que, para governar, um lado tem de derrotar o outro. Antagonizar os outros ou encorajar conflitos divisionistas, que ameaçam a unidade e comunhão da Igreja, é contrário ao espírito de sinodalidade.
- 9) **A tentação de escutar apenas aqueles que já estão envolvidos nas atividades da Igreja.** Esta pode ser a abordagem mais fácil de gerir, mas acaba por ignorar uma proporção significativa do Povo de Deus.

3. O Processo do Sínodo

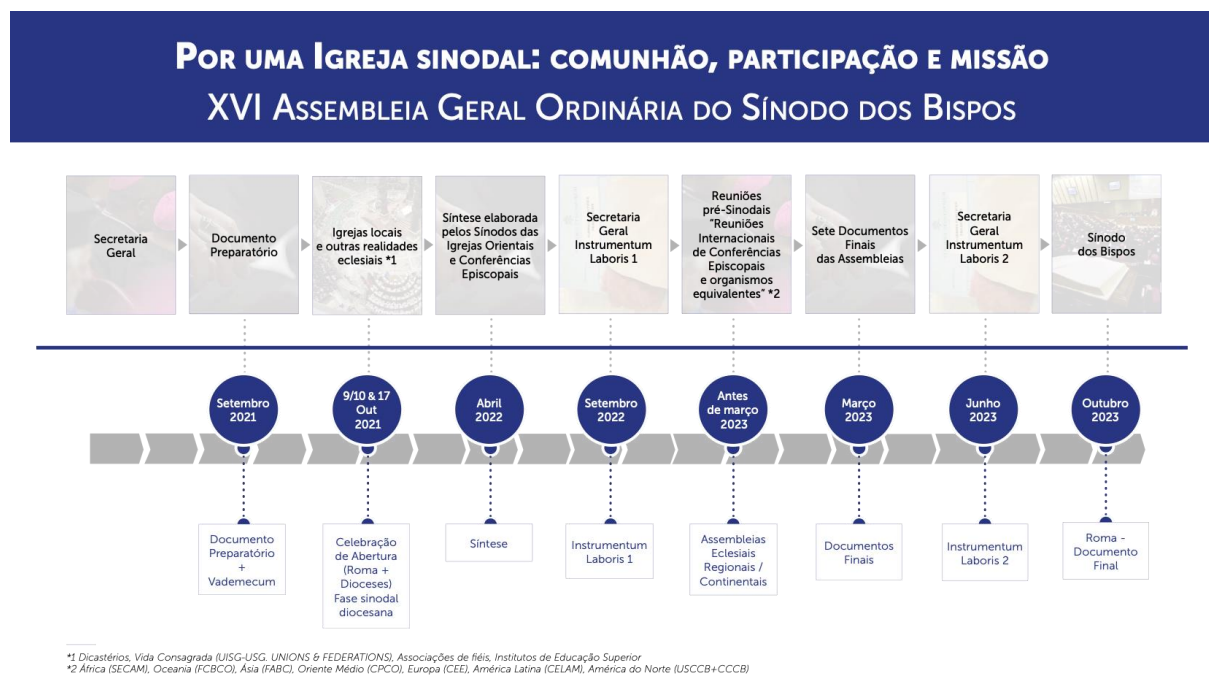


Figura 1. Este infográfico mostra o fluxo global do Processo Sinodal. A Secretaria Geral publica o *Documento Preparatório* e o *Vademecum* como instrumentos para as Igrejas locais levarem a cabo a fase diocesana do Sínodo. Os resultados desta fase diocesana serão reunidos numa síntese para cada Igreja local. Depois, as Conferências episcopais e Sinodos das Igrejas Orientais, com base nas sínteses recebidas das Igrejas locais, elaborarão uma síntese. Há ainda outros organismos eclesiais que receberão também este *Vademecum* e o Questionário (cf. Parte 5) para participarem na consulta e poderem elaborar as suas próprias sínteses. Entre eles estão os Dicasterios da Cúria Romana, a União de Superiores Gerais (USG) e União Internacional das Superiores Gerais (UISG), outras Agregações e Federações de Vida Consagrada, Movimentos laicais internacionais, Universidades e Faculdades de Teologia. A Secretaria Geral elaborará a primeira edição do *Instrumentum Laboris* (Documento de

Trabalho) com base nas sínteses recebidas das Conferências episcopais, dos Sínodos das Igrejas Orientais e dos outros organismos eclesiais mencionados pela *Episcopalis Communio*. Este primeiro *Instrumentum Laboris* será depois discutido nas reuniões continentais (cf., abaixo, Parte 3.3). Com base nos documentos produzidos a nível continental, será elaborada uma segunda edição do *Instrumentum Laboris* para uso da Assembleia do Sínodo dos Bispos em outubro de 2023 (*Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos*).

3.1. A fase diocesana

Grande parte da riqueza desta fase de escuta virá de discussões entre paróquias, movimentos laicais, escolas e universidades, congregações religiosas, comunidades cristãs de bairro, ação social, movimentos ecumênicos e inter-religiosos e de outros grupos. Os Bispos iniciam o processo, de modo que o envolvimento a nível diocesano pode ser coordenado através dos canais habituais de comunicação do Bispo diocesano. As paróquias com um Conselho Pastoral Paroquial e as dioceses com um Conselho Pastoral Diocesano podem fazer uso destes organismos “sinodais” existentes para organizar, facilitar e dar vida ao Processo Sinodal a nível local, desde que se faça um esforço por chegar às periferias e às vozes que raramente são ouvidas. O objetivo não é sobrecarregar as dioceses e as paróquias, mas integrar criativamente o Processo Sinodal na vida da Igreja local, promovendo uma comunhão mais profunda, uma participação mais plena e uma missão mais frutuosa.

Nesta fase de escuta, incentivamos as pessoas a reunir-se, a responder em conjunto às perguntas/imagens/cenários de estímulo, a escutarem-se umas às outras e a dar um feedback individual e em grupo, propor ideias, exprimir reações e apresentar sugestões. Contudo, se as circunstâncias (tais como as restrições durante a pandemia ou a distância física) dificultarem a interação cara a cara, é possível fazer uso de grupos moderados de discussão online, de atividades em autogestão online, de grupos de diálogo, de chamadas telefónicas e de vários meios de comunicação social, bem como questionários em papel e questionários online. É possível utilizar também materiais de oração, reflexões bíblicas e música sacra, bem como obras de arte, poesia, etc., para estimular a reflexão e o diálogo.

Esta fase diocesana é uma oportunidade para as paróquias e dioceses se encontrarem, experimentarem e viverem juntos o caminho sinodal, descobrindo ou desenvolvendo instrumentos e caminhos sinodais mais adequados ao seu contexto local, que acabarão por se tornar o novo estilo das Igrejas locais no caminho da sinodalidade.

Assim, este Sínodo não espera apenas respostas que possam ajudar a Assembleia do Sínodo dos Bispos, que terá lugar em Roma, em outubro de 2023, mas deseja também promover e desenvolver a prática e a experiência de *ser sinodal* durante o processo e depois dele, progredindo. Existem excelentes recursos disponibilizados pelas Igrejas locais que já embarcaram nesta viagem, tais como o Guia Metodológico para a Assembleia Eclesial da Conferência Episcopal Latino-Americana e o Concílio Plenário da Austrália com os seus documentos chave. Sugerimos que consultem estes recursos para ajudar e inspirar o vosso trabalho na Igreja local de cada um.

3.2. O papel das Conferências Episcopais e dos Sínodos das Igrejas Orientais

Quando terminar a fase diocesana com uma Reunião Diocesana Pré-Sinodal e uma síntese diocesana, as Conferências Episcopais e os Sínodos das Igrejas Orientais reunirão os contributos e feedback que receberam das dioceses e eparquias a fim de elaborarem sínteses que captem adequadamente as contribuições dos participantes a nível local. As Conferências Episcopais e os Sínodos das Igrejas Orientais são chamados a discernir e elaborar esta síntese mais ampla através de uma Reunião Pré-Sinodal da sua responsabilidade.

Estas sínteses servirão então de base para a primeira edição do *Instrumentum Laboris*, que será publicado pela Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos.

3.3. A fase continental

Este *Instrumentum Laboris* inicial será o “documento de trabalho” para as sete reuniões continentais: África (SECAM), Oceânia (FCBCO), Ásia (FABC), Médio Oriente (CPCO), América Latina (CELAM), Europa (CCEE) e América do Norte (USCCB e CCCB).

Estas sete reuniões internacionais produzirão, por sua vez, sete *Documentos Finais* que servirão de base para o segundo *Instrumentum Laboris* que será utilizado na Assembleia do Sínodo dos Bispos em outubro de 2023.

3.4. A Assembleia do Sínodo dos Bispos

Os bispos e os auditores estarão reunidos com o Santo Padre o Papa Francisco na Assembleia do Sínodo dos Bispos em Roma, em outubro de 2023, para falarem e se escutarem uns aos outros, com base no Processo Sinodal que teve início a nível local. O objetivo do Sínodo dos Bispos não é o de ofuscar a Conferência Episcopal/Sínodo das Igrejas Orientais e as fases continentais, mas o de discernir a nível universal a voz do Espírito Santo que falou em toda a Igreja.

3.5. A fase de implementação

Uma vez que este Sínodo visa promover um novo estilo de viver a comunhão, participação e missão da Igreja, a fase de implementação será crucial para percorrermos juntos o caminho da sinodalidade. Esta implementação pretende chegar a todas as Igrejas locais em todo o mundo, para que o Processo Sinodal tenha em todo o Povo de Deus o seu ponto de partida e de chegada (EC 7). Podem ser úteis neste âmbito a(s) pessoa(s) diocesana(s) de contacto, bem como outras pessoas e organismos que estiveram envolvidos na fase diocesana, incluindo o Conselho Pastoral Diocesano, o Conselho Presbiteral e os Conselhos Pastorais Paroquiais.

A esperança é que a experiência do Processo Sinodal dê origem a uma nova primavera para a escuta, o discernimento, o diálogo e a tomada de decisões, de modo que todo o Povo de Deus possa caminhar melhor em conjunto, entre si e juntamente com toda a família humana, sob a orientação do Espírito Santo.

4. Percorrer o Caminho Sinodal nas Dioceses

4.1. Resumo do que está previsto na fase diocesana

Esta primeira fase do Processo Sinodal lança as bases para todas as outras fases seguintes. Mais do que simplesmente responder a um questionário, a fase diocesana destina-se a oferecer ao maior número possível de pessoas uma verdadeira *experiência sinodal* de se escutarem umas às outras e de caminharem em conjunto, guiadas pelo Espírito Santo.

“O Espírito de Deus, que ilumina e vivifica este “caminhar juntos” das Igrejas, é o mesmo que atua na missão de Jesus, prometido aos Apóstolos e às gerações de discípulos que ouvirem a Palavra de Deus e que a puserem em prática. Em conformidade com a promessa do Senhor, o Espírito não se limita a confirmar a continuidade do Evangelho de Jesus, mas iluminará as profundidades sempre novas da sua Revelação e inspirará as decisões necessárias para sustentar o caminho da Igreja (cf. Jo 14, 25-26; 15, 26-27; 16, 12-15)” (DP 16).

O *Documento Preparatório* sugere duas “imagens” das Escrituras para inspirar o nosso caminho de construção de uma Igreja sinodal. A primeira imagem emerge da “cena comunitária” que acompanha constantemente o caminho da evangelização logo a partir do ministério de pregação de Jesus: todos têm o seu lugar – a multidão, os apóstolos, e o Senhor (DP 17-21). A outra imagem refere-se à experiência do Espírito, em que Pedro e a comunidade primitiva reconhecem o risco de colocar limites injustificados à partilha da fé (DP 22-24). Sugerimos que reflitam sobre estas duas imagens como fonte de alimento e inspiração no Processo Sinodal.

O Evangelho testemunha como Jesus procura constantemente chegar às pessoas excluídas, marginalizadas e esquecidas. Uma característica comum em todo o ministério de Jesus é que a fé emerge sempre quando as pessoas são valorizadas: o seu apelo é ouvido, são ajudadas na sua dificuldade, a sua disponibilidade é apreciada, a sua dignidade é confirmada pelo olhar de Deus e restaurada dentro da comunidade. Tal como Pedro foi mudado pela sua experiência com Cornélio, também nós temos de nos deixar transformar pelos convites que Deus nos faz. Através do Processo Sinodal, Deus conduz-nos no caminho comum da conversão através da experiência que fazemos uns com os outros. Deus chega até nós através dos outros e chega aos outros através de nós, muitas vezes de maneira surpreendente.

Para que isto aconteça, é necessário fazer esforços significativos para envolver significativamente o maior número possível de pessoas. Esta é a primeira responsabilidade da(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese, designada(s) para orientar e animar a fase diocesana do Processo Sinodal. Não servem de nada contributos superficiais ou documentais que não representem com precisão e riqueza a experiência do povo, nem outros que não exprimam toda a gama e diversidade de experiências.

Neste sentido, a fase diocesana deve começar por encontrar as formas mais eficazes de conseguir a mais ampla participação possível. Devemos chegar pessoalmente às periferias, às pessoas que abandonaram a Igreja, que raramente ou nunca praticam a sua fé, que estão em situação de pobreza ou de marginalização, aos refugiados, aos excluídos, às pessoas que não têm voz, etc.

O núcleo da experiência sinodal é a escuta de Deus através da escuta recíproca, inspirada pela Palavra de Deus. Escutam-nos uns aos outros para melhor ouvirmos a voz do Espírito Santo a falar no nosso mundo de hoje. Isto pode ter lugar ao longo de um encontro, mas encorajamos fortemente a realizar vários encontros, para permitir uma atmosfera mais interativa de partilha à medida que as pessoas se conhecem, confiam umas nas outras e sentem que podem falar com maior liberdade, fazendo assim uma verdadeira experiência sinodal de caminharem juntas. Para além dos aspetos mais formais de falar e de se escutar uns aos outros, é importante que os encontros tenham também momentos informais. Peregrinações, atividades de grupo, expressões artísticas e até mesmo intervalos para tomar café podem ajudar a fomentar um sentido de comunidade através da experiência de partilhar a vida uns com os outros.

A forma como estes encontros se realizam dependerá das circunstâncias locais. Podem juntar-se várias paróquias, ou juntar as pessoas de determinado ministério como a pastoral da saúde, pastoral da educação católica, por comunidades religiosas, movimentos laicais e grupos ecuménicos.

No questionário mais abaixo (cf. Parte 5), sugerimos algumas perguntas para estimular o diálogo, para iniciar e facilitar esta experiência de partilha e escuta. O objetivo não é responder a todas as perguntas, mas escolher as mais relevantes no contexto local de cada um. Podem também propor outras perguntas, e nós encorajamos mesmo a fazê-lo. Como linha de conduta, deve dar-se mais ênfase às perguntas que evocam histórias pessoais e experiências da vida real, mais que às de tipo “doutrinário” (cf. Parte 5, para alguns exemplos).

O feedback recebido ao longo do processo de escuta deve ser reunido numa “síntese”. Como se explica no roteiro abaixo (cf. Parte 4.4), deve-se escrever uma síntese sempre que houver uma reunião na diocese para responder às questões propostas neste *Vademecum* (Parte 5). Ao mesmo tempo, será necessário redigir uma síntese para enviar à respetiva diocese e, no final, à respetiva Conferência Episcopal. O objetivo destas sínteses, a qualquer nível, não é produzir um resumo genérico de tudo o que foi dito ou realizar um exercício académico. Pelo contrário, a síntese é um ato de discernimento para escolher e escrever o que pode contribuir para a fase seguinte do Processo Sinodal, quando for enviada à diocese (no caso de consulta dentro da diocese) e eventualmente à Conferência Episcopal (no caso da síntese escrita pela diocese). Neste sentido, a síntese não relata apenas tendências e pontos comuns de convergência, mas destaca também os pontos que chegam a ser um acorde, que inspiram um ponto de vista original ou abrem um novo horizonte. A síntese deve prestar especial atenção às vozes daqueles que, muitas vezes, não são ouvidos e integrar aquilo a que poderíamos chamar o “relatório minoritário”. O feedback não deve sublinhar apenas experiências positivas, mas deve trazer à luz também experiências desafiantes e negativas, a fim de refletir a realidade do que se escutou. No feedback, é preciso transmitir algo da **experiência** do encontro local: atitudes dos participantes, alegrias e desafios de estarem envolvidos em conjunto no discernimento.

O feedback recebido destes encontros locais será então compilado numa síntese global a nível diocesano. A síntese que cada diocese elaborará no final deste trabalho de escuta e discernimento constituirá o seu contributo concreto para o caminho de todo o Povo de Deus. Pode também constituir um documento útil para identificar os próximos passos no caminho da Igreja local na direção da sinodalidade. Para facilitar as fases sucessivas do Processo Sinodal, é importante condensar os frutos de oração e reflexão num máximo de **dez páginas**.

Podem anexar à síntese diocesana outros textos, a fim de sustentar ou acompanhar o seu conteúdo.

A síntese de cada diocese ou eparquia será então transmitida às Conferências Episcopais e aos Sínodos das Igrejas Orientais. Por sua vez, estes organismos redigirão a sua própria síntese com o mesmo espírito de discernimento descrito acima, com base nas sínteses diocesanas/eparquiais que tiverem recebido. As Conferências Episcopais e os Sínodos das Igrejas Orientais submeterão então esta síntese à Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, que comporá a primeira edição do documento de trabalho (*Instrumentum Laboris*), com base no que foi partilhado e experimentado a nível local.

4.2. O papel do Bispo no Processo Sinodal

A sinodalidade não existe sem a autoridade pastoral do Colégio Episcopal, sob o primado do Sucessor de Pedro, e sem a autoridade pastoral de cada Bispo diocesano na diocese confiada aos seus cuidados. O ministério dos Bispos consiste em ser pastores, mestres e sacerdotes do culto sagrado. O seu carisma de discernimento chama-os a serem autênticos defensores, intérpretes e testemunhas da fé da Igreja. É nas Igrejas locais e a partir delas que existe a Igreja Católica una e única (LG 23). A plenitude do Processo Sinodal só pode existir verdadeiramente se forem envolvidas as Igrejas locais, o que requer o envolvimento pessoal do Bispo diocesano. “Em virtude desta mesma catolicidade, cada uma das partes traz às outras e a toda a Igreja os seus dons particulares, de maneira que o todo e cada uma das partes aumentem pela comunicação mútua entre todos e pela aspiração comum à plenitude na unidade” (LG 13). A diversidade das Igrejas locais, com o seu contexto e a sua cultura, trazem dons diferentes ao todo, enriquecendo todo o Corpo de Cristo. Isto é a chave para compreender o caminho da sinodalidade da Igreja.

Portanto, o papel principal do Bispo diocesano neste Processo Sinodal é facilitar a experiência sinodal de todo o Povo de Deus no caminho para uma Igreja mais sinodal. O Bispo diocesano tem um papel fundamental na escuta do Povo de Deus na sua Igreja diocesana. O Bispo, sob a inspiração do Espírito Santo, pode discernir os processos mais frutuosos de escuta do Povo de Deus na sua diocese, ao longo do caminho de sinodalidade realizado por toda a Igreja. Para ajudar o Bispo diocesano nesta tarefa, este deve nomear a Pessoa ou Equipa de Contacto da Diocese. Juntos, podem discernir em oração. Encorajamos o Bispo a assumir um papel ativo na fase diocesana deste Processo Sinodal. O seu envolvimento deverá fomentar o diálogo aberto no meio da diversidade do Povo de Deus.

O Bispo pode procurar feedback e participação onde achar útil no processo de organização. O Bispo é convidado a comunicar com os respetivos órgãos, organizações e estruturas da Diocese, incluindo o Conselho Pastoral Diocesano, o Conselho Presbiteral, as paróquias, as comunidades religiosas, os movimentos laicais, os vários ministérios pastorais (por exemplo, pastoral do ensino e da saúde) e as comissões diocesanas para estimular a sua participação no Processo Sinodal e solicitar o seu apoio conforme for conveniente. Sob a autoridade do Bispo, a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese pode(m) comunicar diretamente com os coordenadores nas paróquias e outras comunidades locais para preparar e facilitar o processo de consulta.

Ao mesmo tempo, o Bispo pode garantir a disponibilidade dos recursos necessários, incluindo recursos financeiros, logísticos, técnicos e humanos. É ainda função do Bispo incentivar ao envolvimento de diferentes grupos e indivíduos para que o Processo Sinodal possa ser um verdadeiro esforço de colaboração, aproveitando a ampla participação dos fiéis e alcançando a plena diversidade do Povo de Deus: sacerdotes, diáconos, consagrados e consagradas e leigos. As estruturas diocesanas que já têm em vista o exercício da sinodalidade podem dar um apoio vital neste âmbito, particularmente o Conselho Pastoral Diocesano, o Conselho Presbiteral, os Conselhos Pastorais Paroquiais, etc.

Pode-se criar uma carta pessoal ou mesmo um vídeo, em que o Bispo convida e encoraja todos na diocese a participar no processo de escuta, diálogo e consulta. Recomenda-se que a fase diocesana do Processo Sinodal seja aberta e encerrada com uma celebração litúrgica, que poderia ser presidida pelo Bispo.

Durante o processo de consulta, o papel fundamental do Bispo é ouvir. Embora o envolvimento pessoal do Bispo diocesano no processo de escuta possa assumir muitas formas, incentivamos que participe e esteja atento à voz dos fiéis. Além de participar em sessões locais de escuta em toda a diocese, o Bispo, se assim desejar, pode convocar pequenas reuniões comunitárias *ad hoc*, convidando representantes de uma secção transversal da diocese, especialmente os das periferias. Além disso, ele pode também ouvir, analisando as reações recolhidas nas consultas, discernindo o que o Espírito Santo está a dizer através das pessoas confiadas aos seus cuidados. O Bispo deve reunir-se regularmente com a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese para rever o progresso da consulta e tratar de quaisquer desafios que se esteja a enfrentar. É preciso ter cuidado para garantir que a presença do Bispo e do clero não tem o efeito acidental de sufocar o contributo autêntico e incondicional dos fiéis, especialmente em circunstâncias em que tenha havido escândalo ou simplesmente por causa de deferência cultural.

Finalmente, o Bispo convoca uma Reunião Diocesana Pré-Sinodal como ápice da fase diocesana e trabalha com a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese para a organizar. Este encontro deve procurar assegurar uma ampla representação de toda a diocese com o objetivo de estar juntos para rezar, escutar, refletir e discernir o caminho sinodal ao qual o Espírito de Deus está a chamar toda a diocese. O Bispo pode então rever a síntese diocesana em colaboração com a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese antes de ser submetida à Conferência Episcopal. É muito importante notar que a síntese diocesana não pretende refletir positiva ou negativamente sobre o Bispo diocesano. Pelo contrário, a síntese diocesana deve ser um relatório honesto de tudo o que foi partilhado durante a fase diocesana do Processo Sinodal, representando a variedade de pontos de vista e perspetivas do Povo de Deus

Compreensivelmente, iniciar este processo de consulta irá evocar uma série de sentimentos entre os líderes pastorais, desde empolgação e alegria até ansiedade, medo, incerteza ou mesmo ceticismo. Tais reações matizadas são frequentemente parte do caminho sinodal. Os Bispos podem reconhecer a mistura de reações que estão a surgir na diocese, ao mesmo tempo que incentivam as pessoas a abrir-se ao Espírito Santo que, muitas vezes, trabalha de forma surpreendente e refrescante. Enquanto bom pastor do seu rebanho, o Bispo é chamado a ir ter com o Povo de Deus, a estar no meio dele e a segui-lo a partir de trás, garantindo que ninguém fique de fora ou se perca.

4.3. O papel dos sacerdotes e dos diáconos no Processo Sinodal

O ministério dos sacerdotes e diáconos tem dois pontos de referência vitais: por um lado, o Bispo diocesano; por outro lado, o povo confiado aos seus cuidados pastorais. Assim, o clero presente na Igreja local fornece um ponto de ligação útil entre o Bispo e aqueles a quem serve. Isto confere aos sacerdotes e diáconos um papel fundamental no caminhar juntos no meio do Povo de Deus, unidos com o Bispo e ao serviço dos fiéis. Eles podem comunicar com o povo em nome do Bispo, como podem também comunicar ao Bispo o que vem do povo. São agentes de comunhão e unidade na construção do Corpo de Cristo, ajudando os fiéis a caminharem juntos, caminhando uns com os outros no meio da Igreja. Os membros do clero são igualmente arautos da renovação, atentos à evolução das necessidades do seu rebanho, que apontam de que forma o Espírito Santo está a abrir caminhos novos. Finalmente, são homens de oração que promovem uma experiência verdadeiramente espiritual de sinodalidade, para que o Povo de Deus possa estar mais atento ao Espírito Santo e escutar em conjunto a vontade de Deus.

Neste sentido, padres e diáconos têm um papel crucial a desempenhar no acompanhamento de todo o Povo de Deus no caminho da sinodalidade. Os seus esforços para promover e pôr em prática uma forma mais sinodal de ser a Igreja de Cristo são de importância vital. Sacerdotes e diáconos podem sensibilizar sobre a natureza sinodal da Igreja e o significado da sinodalidade nas paróquias, ministérios e movimentos que servem. Os sacerdotes e diáconos são também chamados a apoiar, encorajar, promover e possibilitar o desenrolar da fase diocesana do Processo Sinodal na Igreja local. Fazem-no através dos organismos participativos já estabelecidos em toda a diocese, tais como o Conselho Pastoral Diocesano, o Conselho Presbiteral e os Conselhos Pastorais Paroquiais. O envolvimento dos órgãos “sinodais” das Igrejas locais é especificamente solicitado, especialmente o Conselho Presbiteral e o Conselho Pastoral (DP 31). No caminho sinodal da Igreja, o contributo destes órgãos de participação a nível diocesano “pode revelar-se fundamental; a partir deles pode começar a tomar forma uma Igreja sinodal” (EC 7).

Ao mesmo tempo, os sacerdotes e os diáconos podem encontrar formas novas e criativas para promover uma experiência autenticamente sinodal entre os fiéis leigos, em ligação com as iniciativas do Bispo diocesano e da(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese que são designadas para este Processo Sinodal. Vale a pena notar que a consulta realizada na fase diocesana do Processo Sinodal é coordenada pelo Bispo diocesano e dirigida “aos Sacerdotes, Diáconos e fiéis leigos das suas Igrejas, individualmente ou associados, sem descuidar o valioso contributo que pode vir dos Consagrados e das Consagradas” (EC 7).

O *Documento Preparatório* diz-nos que, no ministério de Jesus, “a eleição dos apóstolos não é o privilégio de uma posição exclusiva de poder e de separação, mas sim a graça de um ministério inclusivo de bênção e de comunhão. Graças ao dom do Espírito do Senhor ressuscitado, eles devem salvaguardar o lugar de Jesus, sem o substituir: não para colocar filtros à sua presença, mas para facilitar o seu encontro” (PD 19). Assim também todo o clero, dotado dos dons sagrados e carismas recebidos através da sua ordenação, tem um papel crítico a desempenhar para que esta experiência sinodal seja um encontro autêntico com Cristo Ressuscitado, fundamentado na oração, alimentado pela celebração da Eucaristia e inspirado pela escuta da Palavra de Deus.

4.4. O Roteiro (Exemplos de passos para a fase diocesana)

As tarefas envolvidas na realização da fase de escuta e de diálogo dentro de cada diocese variarão em função de fatores locais, mas a abordagem geral envolverá as seguintes etapas:

1. Nomeação da(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese

Cada diocese deve selecionar uma ou duas pessoas para servir de Pessoa(s) de Contacto da Diocese. O *Apêndice A* trata mais pormenorizadamente sobre as responsabilidades e as qualidades que se espera que estas Pessoas de Contacto tenham. O ideal seria nomear dois colíderes como modelo de corresponsabilidade. Se houver mais do que uma Pessoa de Contacto da Diocese, recomenda-se que se nomeie pelo menos uma mulher e um homem. Estes podem ser cargos voluntários ou remunerados e podem ser desempenhados por pessoas que já trabalham na diocese. As Pessoas de Contacto da Diocese podem ser sacerdotes, religiosos ou leigos. As Dioceses podem refletir sobre a possibilidade de a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese continuarem ao serviço do caminho da sinodalidade na diocese até outubro de 2023 e mesmo depois.

2. Criação de uma Equipa Sinodal Diocesana

A(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese terá(ão) provavelmente de trabalhar com a colaboração de uma equipa central, que pode ser constituída através de um processo aberto de pessoas que manifestem o seu interesse ou então por nomeação do Bispo diocesano. A Equipa Sinodal Diocesana pode ser composta por representantes de paróquias e movimentos, dos setores diocesanos de pastoral e das comunidades religiosas. Podem ser convocados como um órgão consultivo e de trabalho da(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese. Mesmo depois da fase diocesana do atual Sínodo, a Equipa Sinodal Diocesana pode continuar a promover e implementar o caminho da sinodalidade na diocese no futuro, em conjunto com o Bispo diocesano.

3. Discernir o caminho para a sua diocese

O *Documento Preparatório* e o *Vademecum* apresentam informações sobre o Sínodo atual e dão orientações para a organização do processo de consulta. Estes documentos devem ser aplicados de forma diferenciada em diferentes contextos, tendo em conta as realidades e os desafios atuais na Igreja local e na sociedade, bem como de quaisquer processos sinodais simultâneos ou recentes que ocorram na diocese. Estes documentos podem favorecer uma reflexão orante para discernir as áreas chave em que a diocese se deve concentrar.

4. Planeamento do processo participativo

Cada diocese deve ter como objetivo a mais ampla participação possível, envolvendo uma variedade de plataformas, que poderiam incluir reuniões a nível paroquial, encontros interparoquiais, grupos ligados a escolas, associações locais, plataformas online, grupos linguísticos especiais e meios adequados para chegar àqueles que têm andado longe da Igreja. O ideal é que haja oportunidades para os diversos grupos se escutarem uns aos outros. É preciso identificar e disponibilizar os recursos necessários para o processo de consulta, pensando num orçamento global, em instalações físicas e em plataformas online. É possível que as dioceses se organizem solidariamente entre si de modo a dar assistência financeira e de recursos humanos, conforme necessário.

5. Preparação dos coordenadores dos grupos para as reuniões da consulta sinodal

A Equipa Sinodal Diocesana pode atuar através de coordenadores no sentido de realizar a reunião de consulta sinodal em toda a diocese. Por exemplo, a consulta sinodal dentro de uma paróquia pode ser supervisionada por um coordenador nessa paróquia, que trabalhe com uma equipa paroquial. Todos os coordenadores terão de ser informados sobre o espírito, os objetivos e as atitudes do Processo Sinodal, e deverão ter acesso a recursos relevantes, incluindo a este *Vademecum* e ao website do Sínodo. Os coordenadores poderão então discernir e planear os processos mais apropriados para os seus grupos particulares, em comunicação com a Equipa Sinodal Diocesana.

6. Disponibilizar um seminário de orientação para a Equipa Sinodal Diocesana e coordenadores locais

Uma vez que provavelmente o nível de compreensão e de experiência da sinodalidade difere de diocese para diocese, é possível organizar workshops de formação para dar alguma orientação sobre a sinodalidade às pessoas e habilitá-las com competências básicas para os processos sinodais. Entre essas competências estariam a realização de reuniões de consulta sinodal; esta formação básica é em si mesma um resultado valioso do atual Processo Sinodal. O *Apêndice B* faz um esboço de como se pode conduzir uma reunião típica de consulta sinodal. O mais importante é adotar métodos adequados que facilitem uma escuta atenta, uma partilha genuína e um discernimento espiritual comunitário. Há ainda outros recursos que estão disponíveis no website do Sínodo.

7. Comunicar a todos

Para sensibilizar e encorajar a participação, pode-se fazer ampla publicidade sobre o Sínodo, de modo a comunicar o seu significado e os seus objetivos e de que forma as pessoas podem participar nele. No website, apresentamos alguns exemplos de materiais publicitários.

8. Implementar, monitorizar e orientar o processo de consulta sinodal

Quando estiver pronto, dá-se início ao processo de consulta sinodal. O centro desta fase são as reuniões de consulta sinodal que acontecem em toda a diocese. Pode-se organizar uma celebração litúrgica diocesana para abrir a fase diocesana e invocar o Espírito Santo para guiar todo o processo. Durante toda a fase diocesana, a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese deve(m) manter contacto regular com os coordenadores de grupo das reuniões de consulta sinodal em toda a diocese, de modo a monitorizar o progresso, prestar apoio onde for necessário e facilitar a troca de ideias, de boas práticas e fazer emergir o feedback. Deve-se estabelecer uma data concreta para a apresentação do feedback da consulta, que pode seguir as orientações para a síntese diocesana, conforme se descreve abaixo.

9. Reunião Diocesana Pré-Sinodal

É fortemente recomendado que o processo de consulta na diocese culmine com uma Reunião Diocesana Pré-Sinodal que inclua uma celebração litúrgica. Seria necessário convidar uma ampla representação de toda a diocese para participar nessa celebração, com o objetivo de se reunirem para rezar, ouvir, refletir e discernir o caminho sinodal ao qual o Espírito de Deus está a chamar toda a diocese. O *Apêndice C* dá algumas sugestões para a organização deste encontro.

10. Preparação e apresentação da síntese diocesana

Finalmente, é necessário preparar uma síntese diocesana com base em todas as reações recolhidas em toda a diocese, bem como nos procedimentos da Reunião Pré-Sinodal. O *Apêndice D* sugere um esboço. Esta deve ser submetida à Conferência Episcopal até uma determinada data. Uma vez finalizada, a síntese deverá ser comunicada ao público da diocese. A(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese deverá(ão) manter a sua nomeação durante todo o Processo Sinodal, pelo menos até à Assembleia do Sínodo dos Bispos em outubro de 2023, e a sua função poderá continuar ativa mesmo depois desta data. Nas sucessivas fases do atual Sínodo, estas pessoas serão um ponto de ligação para as Conferências Episcopais e reuniões continentais, e podem ajudar a diocese a manter-se empenhada no Processo Sinodal. Sempre que necessário também podem assegurar uma transição suave para a implementação de quaisquer sugestões levantadas durante a consulta na diocese. Afinal, este Processo Sinodal não é o fim, mas sim um novo começo.

4.5. Os Ingredientes Básicos da Experiência Sinodal

Os passos elencados acima, na Parte 4.4, devem ser utilizados como linhas de conduta. Em última análise, a fase diocesana envolve “ingredientes” semelhantes aos da Assembleia do Sínodo dos Bispos, tal como a que terá lugar em Roma em outubro de 2023. Estes elementos são: uma celebração litúrgica para começar, a reunião numa grande assembleia, os encontros em pequenos grupos, os momentos de silêncio e oração, as conversas informais, as experiências partilhadas (tais como peregrinações, expressões artísticas e experiências com pessoas vulneráveis, deficientes e idosos) e uma celebração litúrgica para concluir. Estes ingredientes básicos da sinodalidade podem ser facilmente adaptados à circunstância local de cada um para fomentar uma experiência sinodal frutuosa nessa mesma Igreja local, tendo em conta os princípios, as atitudes e as armadilhas antes descritos, na Parte 2.

5. Recursos para a organização do Processo Sinodal

5.1. Metodologia para o Processo Sinodal Diocesano

Cada diocese pode discernir as formas mais propícias para permitir uma experiência sinodal conduzida pelo Espírito para o seu povo, prestando particular atenção àqueles cujas vozes não foram ouvidas no passado. No website do Sínodo estão disponíveis conselhos e recursos sobre como fazer isto.

Como foi referido antes, incentivamos as pessoas e os grupos a participar no Processo Sinodal através da sua Igreja local. Contudo, também é possível que as pessoas e os grupos enviem o seu contributo diretamente para a Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos (*EC 6*).

Dentro de cada Igreja local, as reuniões devem ser organizadas de forma a promover uma experiência sinodal mais frutuosa no contexto local. O ideal é que se organize mais do que uma destas “reuniões de consulta sinodal” para o mesmo grupo de participantes para que possam aprofundar e dialogar de forma mais rica. Em alternativa, pode-se organizar novos grupos de modo que haja mais pessoas que possam escutar e envolver-se, com uma maior diversidade de pontos de vista e de experiências.

As pessoas, a nível individual, podem também contribuir diretamente para a diocese com o seu feedback de consulta. No caso dos contributos individuais para a consulta, é necessário distribuir atempadamente informações e materiais adequados, para que as opiniões expressas possam ser incluídas na síntese diocesana. É importante encorajar as experiências comunitárias do Processo Sinodal em relação aos contributos individuais, uma vez que manifestam melhor o espírito sinodal de caminhar juntos. Neste sentido, a quem contribui individualmente é possível propor vídeos, videoconferências, reflexões sobre a Sagrada Escritura e orações, de modo a unir essas pessoas mais estreitamente à experiência da sinodalidade.

A realização de reuniões de consulta sinodal que reúnam várias paróquias pode ser uma boa forma de reunir uma série de pessoas de diferentes origens socioeconómicas, etnias, grupos etários, etc. Duas ou mais paróquias podem reunir-se para planear uma série de reuniões de consulta sinodal conjunta. Podem concentrar a sua partilha em torno de uma experiência comum relevante, tal como os desafios que enfrentam como cristãos, sendo Igreja no meio da pandemia da Covid-19, ou algo ligado ao seu contexto. Pode-se formar uma equipa organizadora interparoquial.

Incentivamos ainda a integrar o tema da sinodalidade e este Processo Sinodal de consulta em reuniões e encontros locais ou diocesanos já planeados, sempre que possível. Neste sentido, a fase diocesana do Processo Sinodal pode enriquecer a agenda pastoral já existente para o ano 2021-2022, ao mesmo tempo que inspira determinados elementos novos.

5.2. A dimensão informal do Processo Sinodal

O facto de nos escutarmos uns aos outros é enriquecido pelo conhecimento mútuo e pela partilha de vida em conjunto. Pode ser muito útil partilhar uma atividade comum antes de começar a encontrar-se e a dialogar uns com os outros.

Entre os vários exemplos de atividades que se pode realizar em conjunto temos uma peregrinação, uma ação social ou caritativa ou simplesmente a partilha de uma refeição uns com os outros. Para além de desenvolver a confiança mútua entre os participantes, isto poderia também ajudar a fomentar a participação de pessoas que se sentem mais atraídas pela ação prática do que pela discussão intelectual.

Esta abordagem segue o exemplo de Jesus de reunir os seus discípulos para partilhar uma refeição, para caminhar juntos ou simplesmente para passar o tempo uns com os outros. Talvez seja importante deixar tempo suficiente e encontrar um espaço adequado para os participantes partilharem comida e bebida, prolongando a experiência de se escutarem uns aos outros numa troca menos formal e mais espontânea durante os intervalos. Isto pode abrir a porta a uma participação mais frutuosa de pessoas que se sentem menos à vontade em reuniões formais, bem como dar algumas oportunidades para esclarecer mais livremente certos pontos.

A participação em atividades físicas, culturais, sociais e caritativas pode contribuir para construir a comunhão entre os participantes, renovando a Igreja através de novas experiências de fraternidade uns com os outros.

5.3. A principal pergunta para a consulta

Este Sínodo coloca a seguinte questão fundamental:

Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, “caminha em conjunto”. Como é que este “caminho em conjunto” está a acontecer hoje na vossa Igreja local? Que passos é que o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”? (DP 26)

Ao responder a esta pergunta, somos convidados a:

- *Recordar as nossas experiências:* que experiências da nossa Igreja particular a interrogação fundamental vos traz à mente?
- *Reler estas experiências mais profundamente:* Que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitaram?
- *Colher os frutos para partilhar:* Nestas experiências, onde ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspectivas de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?

Para ajudar as pessoas a explorar mais plenamente esta questão fundamental, os seguintes temas destacam aspetos significativos da “sinodalidade vivida” (PD, 30). Ao responder a estas questões, é útil recordar que “caminhar juntos” ocorre de duas formas profundamente interligadas. Primeiro, caminhamos uns com os outros como Povo de Deus. Depois, caminhamos juntos como o Povo de Deus juntamente com toda a família humana. Estas duas perspectivas enriquecem-se mutuamente e são úteis para o nosso discernimento comum no sentido de uma comunhão mais profunda e de uma missão mais frutuosa.

As perguntas que acompanham cada uns dos dez temas seguintes podem ser utilizadas como ponto de partida ou orientação útil. A conversação e o diálogo não têm necessariamente de estar limitados às perguntas que se seguem:

1. ACOMPANHANTES NO CAMINHO

Na Igreja e na sociedade, estamos lado a lado na mesma estrada. Na nossa Igreja local, quem são aqueles que “caminham juntos”? Quem são aqueles que parecem mais afastados? De que forma somos chamados a crescer como companheiros? Que grupos ou indivíduos são deixados à margem?

2. ESCUTAR

Escutar é o primeiro passo, mas precisa de uma mente e de um coração abertos, sem preconceitos. Como é que Deus nos fala através de vozes que por vezes ignoramos? Como ouvir os leigos, de modo especial as mulheres e os jovens? O que facilita ou inibe a nossa escuta? Como ouvimos os que se encontram nas periferias? Como se integra a contribuição dos consagrados e das consagradas? Quais são alguns dos nossos limites na nossa capacidade de escutar, especialmente aqueles que têm opiniões diferentes das nossas? Que espaço existe para a voz das minorias, especialmente das pessoas que experimentam a pobreza, a marginalização ou a exclusão social?

3. FALAR

Todos são convidados a falar com coragem e parrésia, ou seja, em liberdade, verdade e caridade. O que facilita ou dificulta que se fale com coragem, franqueza e responsabilidade na nossa Igreja local e na sociedade? Quando e como é que conseguimos dizer o que é importante para nós? Como funciona a relação com os meios de comunicação locais (não só com os meios de comunicação católicos)? Quem fala em nome da comunidade cristã e como são escolhidas essas pessoas?

4. CELEBRAÇÃO

Só é possível “caminhar juntos” se assumirmos como base a escuta comunitária da Palavra e a celebração da Eucaristia. Como é que a oração e as celebrações litúrgicas inspiram e guiam realmente a vida e missão comuns na nossa comunidade? Como é que inspiram as nossas decisões mais importantes? Como promovemos a participação ativa de todos os fiéis na liturgia? Que espaço damos à participação nos ministérios de Leitor e de Acólito?

5. PARTILHAR A RESPONSABILIDADE PELA NOSSA MISSÃO COMUM

A sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja, na qual todos os membros são chamados a participar. Uma vez que somos todos discípulos missionários, como é que cada batizado é chamado a participar na missão da Igreja? O que impede os batizados de serem ativos na missão? Que áreas da missão estamos a negligenciar? Como é que a comunidade apoia os seus membros que servem a sociedade de várias formas (envolvimento social e político, investigação científica, educação, promoção da justiça social, proteção dos direitos humanos, cuidados com o ambiente, etc.)? Como é que a Igreja ajuda estes membros a viverem o seu serviço à sociedade de forma missionária? Como e por quem é feito o discernimento sobre as escolhas missionárias?

6. DIÁLOGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE

O diálogo exige perseverança e paciência, mas também permite a compreensão mútua. Até que ponto as diferentes pessoas da nossa comunidade se reúnem para o diálogo? Quais os lugares e os meios de diálogo no seio da nossa Igreja local? Como promovemos a colaboração com dioceses vizinhas, comunidades religiosas da nossa área, associações e movimentos laicais, etc.? Como abordamos as divergências de visão ou os conflitos e dificuldades? Quais as questões particulares na Igreja e na sociedade a que temos de prestar mais atenção? Que experiências de diálogo e colaboração temos com crentes de outras religiões e com as pessoas que não têm filiação religiosa? Como é que a Igreja dialoga e aprende com outros sectores da sociedade: as esferas da política, da economia, da cultura, da sociedade civil e das pessoas que vivem na pobreza?

7. ECUMENISMO

O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos pelo único batismo, tem um lugar especial no caminho sinodal. Que relações tem a nossa comunidade eclesial com membros de outras tradições e confissões cristãs? O que partilhamos e como caminhamos juntos? Que frutos colhemos do nosso caminho em conjunto? Quais as dificuldades? Como podemos dar o próximo passo para caminharmos uns com os outros?

8. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

Uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável. Como é que a nossa comunidade eclesial identifica os objetivos a prosseguir, a forma de os alcançar e os passos a dar? Como é exercida a autoridade ou a governação no seio da nossa Igreja local? Como pomos em prática o trabalho de equipa e a corresponsabilidade? Como e por quem são orientadas as avaliações? Como se tem promovido os ministérios laicais e a responsabilidade dos leigos? Tivemos experiências frutuosas de sinodalidade a nível local? Como funcionam os órgãos sinodais a nível da Igreja local (Conselhos Pastorais nas paróquias e dioceses, Conselho Presbiteral, etc.)? Como podemos promover uma abordagem mais sinodal na nossa participação e liderança?

9. DISCERNIMENTO E DECISÃO

Num estilo sinodal tomamos decisões através do discernimento do que o Espírito Santo está a dizer-nos através de toda a nossa comunidade. Que métodos e processos utilizamos na tomada de decisões? Como podem ser melhorados? Como é que promovemos a participação na tomada de decisões no seio de estruturas hierárquicas? Os nossos métodos de tomada de decisões ajudam-nos a escutar todo o Povo de Deus? Qual a relação entre consulta e tomada de decisões? E como as pomos em prática? Que instrumentos e procedimentos utilizamos para promover a transparência e a responsabilidade? Como podemos crescer no discernimento espiritual comunitário?

10. FORMAR-NOS NA SINODALIDADE

A sinodalidade implica recetividade à mudança, formação e aprendizagem permanente. Como é que a nossa comunidade eclesial forma pessoas mais capazes de “caminharem juntas”, de se ouvirem umas às outras, de participarem na missão e de se empenharem no diálogo? Que formação é dada para fomentar o discernimento e o exercício da autoridade de forma sinodal?

O website do Sínodo apresenta algumas sugestões sobre a forma de colocar estas questões a vários grupos de pessoas de forma simples e envolvente. Cada diocese, paróquia ou grupo eclesial não deve ter como objetivo fazer a cobertura de todas as questões, mas deve discernir e concentrar-se nos aspetos da sinodalidade mais pertinentes para o seu contexto. Os participantes são encorajados a partilhar as suas experiências da vida real com honestidade e abertura e a refletir em conjunto sobre o que o Espírito Santo estará a revelar através do que partilham uns com os outros.

UMA PALAVRA DE GRATIDÃO

Uma palavra sincera de gratidão a todos aqueles que organizam, coordenam e participam neste Processo Sinodal. Guiados pelo Espírito Santo, nós somos as pedras vivas com as quais Deus edifica a Igreja que deseja para o terceiro milénio (1Pd 2,5). Que a Santíssima Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos e Mãe da Igreja, interceda por nós, ao percorrermos juntos este caminho que Deus nos propõe. Que os seus cuidados maternais e a sua intercessão nos acompanhem, como no Cenáculo de Pentecostes, na construção da nossa comunhão uns com os outros e na realização da nossa missão no mundo. Com ela, dizemos juntos como o Povo de Deus: *“Faça-se em mim segundo a tua palavra!”* (Lc 1,38).

Apêndice A

A(s) Pessoa(s)/Equipa(s) de Contacto da Diocese

Cada diocese⁹ deve seleccionar uma ou duas pessoas para servir como Pessoa(s) de Contacto da Diocese ou colíderes para a fase diocesana da consulta sinodal. Se possível, devem organizar uma equipa de pessoas para colaborar com elas.

Recomenda-se um modelo de *coliderança*, em vez de nomear apenas uma pessoa de contacto, uma vez que isto reflete a natureza sinodal do processo. Incentivamos a trabalharem em conjunto com um colíder e a colaborar *com uma equipa*, para aprender uns com os outros, partilhar responsabilidades e enriquecer a criatividade e vitalidade do processo sinodal na sua diocese. O trabalho da(s) Pessoa(s)/Equipa(s) de Contacto da Diocese envolverá as seguintes funções ou tarefas gerais:

- Servir de ligação entre a diocese e a Conferência Episcopal (e a sua Pessoa ou Equipa de Contacto).
- Servir de ponto de referência para as paróquias e outros grupos eclesiais da diocese no que se refere à consulta sinodal.
- Servir como principal Pessoa(s) de Contacto para o Bispo da diocese a respeito do Processo Sinodal.
- Trabalhar de forma sinodal com uma equipa para desenvolver a forma como o processo diocesano irá desenrolar-se e discutir os temas e questões relacionados com a sinodalidade (tal como delineado pela Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos e pela Conferência Episcopal), bem como o processo de recolha, análise e síntese dos contributos da consulta em toda a diocese.
- Convidar todas as paróquias a participar no processo de consulta, organizando encontros para participar no processo sinodal a nível local. As paróquias podem juntar-se a outras paróquias para promover um maior sentido de comunhão e de caminho em conjunto. A(s) Pessoa(s)/Equipa(s) de Contacto da Diocese deve(m) incentivar as paróquias a fomentar um espírito de fraternidade, corresponsabilidade e a participação plena e ativa dos ministros ordenados, dos consagrados, religiosos e religiosas, mulheres e homens leigos da comunidade, incluindo crianças, jovens, pessoas solteiras, casais, famílias e idosos. Desta forma, o processo de consulta representará a diversidade dos contextos socioeconómicos e culturais/étnicas e das capacidades da área local, bem como incentivará a consultar pessoas menos ativas na prática da fé católica, pessoas de outras confissões cristãs e de outras tradições de fé, bem como outros residentes na comunidade local ou cívica sem qualquer ligação com a paróquia.
- Convidar cada setor pastoral, movimento, órgão eclesial e departamento/gabinete da diocese a contribuir para as questões incluídas no *Vademecum* e nos documentos que o acompanham, do ponto de vista do seu ministério ou área de enfoque específico. Cada um destes grupos pode realizar a sua própria consulta ou trabalhar em conjunto entre si

⁹ No *Vademecum* e em todos os apêndices e recursos que o acompanham, o termo “diocese” refere-se às Igrejas locais em geral, e pode ser substituído pelos termos *eparquia*, *ordinariato* ou outro organismo eclesial equivalente.

e/ou com as paróquias da diocese. É preciso esforçar-se por envolver todas as realidades diocesanas no processo de consulta: os diversos apostolados, culturas e comunidades, grupos, iniciativas e grupos de diálogo ecuménico/inter-religioso; deste modo, estaremos a promover uma experiência autêntica de sinodalidade na Igreja local.

- Oferecer formação e acompanhamento (sob a forma de workshops, webinars, vídeos, materiais e/ou apoio pessoal) às pessoas que serão responsáveis pela realização e facilitação do processo de consulta a nível local (em paróquias, comunidades, etc.), a fim de os ajudar a compreender o significado da sinodalidade, os objetivos do atual Processo Sinodal e as características da experiência sinodal que estão a tentar promover (para mais informações, podem consultar o *Vademecum* ou o website do Sínodo).
- Desenvolver métodos para receber contributos do processo de consulta em toda a diocese e comunicar este processo às paróquias, aos grupos diocesanos, às comunidades religiosas e movimentos, envolvendo *a mais ampla participação possível*. Entre as ações possíveis:
 - Sugerir que as paróquias/comunidades nomeiem a sua própria Pessoa/Equipa de Contacto para realizar a consulta;
 - Sugerir que as paróquias/comunidades realizem uma, duas ou mais reuniões de consulta com pessoas da comunidade local. As paróquias/grupos podem desejar ter uma consulta especial para certos grupos (por exemplo, adolescentes, jovens adultos, casais casados, migrantes e refugiados, pessoas menos ativas na prática da fé e pessoas em situação de pobreza e marginalização);
 - Sugerir que as paróquias encontrem uma forma de sintetizar ou tomar nota de cada consulta/diálogo (através de um(a) secretário(a), da gravação eletrónica da reunião ou com os participantes ou facilitadores a introduzir as suas notas online, ou por outros meios);
 - Estabelecer um prazo específico, bem como o processo/meios pelos quais todos os contributos são enviados para a(s) Pessoa(s)/Equipa(s) de Contacto da Diocese;
 - Incentivar a realização de reuniões com os participantes e outras pessoas, depois do processo de consulta, para partilhar o que foi feito, para dar seguimento aos contributos fornecidos e para discernir os próximos passos, com o objetivo de integrar o espírito e o estilo de sinodalidade a nível local.
- Manter contacto regular com cada paróquia/comunidade durante toda a fase de consulta, apoiando, incentivando, acompanhando e agradecendo várias vezes ao longo do caminho.
- Reunir atempadamente as sínteses/informações/pontos de vista das consultas locais.
- Supervisionar a organização da Reunião Diocesana Pré-Sinodal (ver *Apêndice C*).
- Analisar e sintetizar os contributos recolhidos, redigindo *uma síntese diocesana sucinta*, com um máximo de **dez páginas**, que deve ser transmitida à Conferência Episcopal dentro do prazo estipulado. Esta síntese deverá ser redigida pela equipa que trabalha com a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese, em colaboração com o Bispo e/ou um seu delegado (ver *Apêndice D*).
- Enviar a síntese diocesana à Conferência Episcopal em tempo útil.

A(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese e a equipa devem ter as seguintes *qualidades*:

- Ser uma pessoa espiritualmente madura, com uma fé viva;
- Ser um(a) colaborador(a) natural;
- Ser um(a) comunicador(a) eficaz;
- Ser capaz de sintetizar uma grande variedade de informações;
- Ser capaz de interagir bem com pessoas de diversas origens culturais, geracionais e eclesiais;
- Ter familiaridade com as estruturas e os processos diocesanos;
- Ter antecedentes de experiência de trabalho em iniciativas de colaboração ou processos sinodais;
- Ser humilde no trabalho com um colíder e/ou uma equipa, ter delicadeza e abertura para acolher as perspetivas e os dons dos outros, bem como para procurar novas formas de proceder.

É preciso notar que a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese não tem de ser um membro do clero. Se for utilizado um modelo de coliderança, é altamente recomendável que os colíderes sejam um homem e uma mulher. Pelo menos um deles deveria ser um(a) leigo(a).

A equipa que colabora com a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese deve refletir a diversidade da diocese e incluir os principais líderes diocesanos: leigos e leigas, clérigos e consagrados religiosos, pessoas de culturas, gerações e origens diferentes, representando os diversos ministérios e carismas da Igreja, particularmente o trabalho pastoral da diocese com os jovens, as famílias, os migrantes e refugiados e os pobres. Poderá ser útil se alguns membros da equipa já tiverem trabalhado com processos sinodais locais, diocesanos ou nacionais ou em iniciativas semelhantes.

Apêndice B

Sugestão de um modelo de organização de uma reunião de consulta sinodal

As reuniões de consulta sinodal podem ser organizadas entre vários grupos de uma paróquia ou reunindo diversas pessoas de várias paróquias. Outros órgãos diocesanos ou organizações religiosas e laicais podem também colaborar para a realização de reuniões de consulta. Apresentamos, de seguida, um traçado geral dos passos a percorrer.

1. Pode-se formar uma **equipa organizadora** para planear e realizar o processo de consulta e as reuniões a nível local, devendo também discernir o modo como chegar às pessoas e os métodos mais adequados para promover o diálogo e a participação numa experiência sinodal autêntica.
2. Pode-se incentivar à **participação** através de anúncios paroquiais, dos meios de comunicação social, por carta, etc. Com a ajuda dos bairros locais, bem como das instituições da Igreja, como escolas e centros sociais, é possível fazer um esforço especial para identificar e alcançar pessoas que não estejam em contacto regular com a comunidade eclesial há algum tempo. É preciso ter o cuidado de envolver pessoas que estejam excluídas ou cujas vozes, muitas vezes, não são tidas em conta.
3. Seria ideal incluir entre os participantes de pessoas de grande **diversidade** a vários níveis: comunidades, experiências, culturas, idades e estilos de vida. A dimensão total do grupo pode depender do local disponível e do número de moderadores.
4. Cerca de 2-3 semanas antes do encontro, é preciso enviar a todos os participantes os **materiais preparatórios** para a oração e reflexão. Entre os materiais pode-se incluir uma breve leitura de fundo sobre sinodalidade, a(s) pergunta(s) principal(is) de reflexão, bem como sugestões de formas de oração e discernimento sobre essas mesmas questões, incluindo recomendações de passagens da Sagrada Escritura. Os participantes devem ser informados também sobre o método que será utilizado na reunião sinodal. Devem reservar algum tempo para a sua preparação pessoal, utilizando todos estes materiais, porque isto é crucial para um diálogo frutuoso.
5. As principais **questões de reflexão** devem ser relevantes e breves. Muitas vezes é melhor ter menos perguntas e explorá-las com profundidade, do que ter muitas perguntas que seriam tratadas superficialmente. Este Sínodo coloca a seguinte **questão fundamental: *Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, “caminha em conjunto”.* Como é que este “caminho em conjunto” está a acontecer hoje na vossa Igreja local? Que passos é que o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”? (DP, 26)**
6. Ao responder a esta pergunta, somos convidados a:
 - *Recordar as nossas experiências:* que experiências da nossa Igreja particular a interrogação fundamental vos traz à mente?

- *Reler estas experiências mais profundamente*: Que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitaram?
- *Colher os frutos para compartilhar*: Nestas experiências, onde ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspectivas de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?

Muitas vezes, é muito proveitoso para os participantes refletir sobre o caminho da sua comunidade local até esse momento. Qual é a história da vida de fé da comunidade? Como é que a comunidade caminhou até ao seu estado atual? Como é que Deus esteve presente? Muitas vezes, o facto de repassar juntos o passado ajuda a construir a comunidade e a orientar o seu caminho para o futuro.

Para ajudar as pessoas a explorar mais plenamente esta questão fundamental, desenvolvemos dez temas para destacar aspetos significativos da “inodabilidade vivida” (DP, 30). As perguntas que acompanham cada uns dos dez temas seguintes podem ser utilizadas como ponto de partida ou orientação útil para enriquecer a consulta. Estas perguntas encontram-se na Parte 5 do *Vademecum* e existe uma versão mais detalhada nos materiais que o acompanham, disponível no website do Sínodo.

7. É preciso verificar se há suficientes **moderadores** de grupo, de acordo com o método e formato escolhidos para a reunião de consulta, e se estão adequadamente preparados para conduzir o processo. É também necessário identificar as pessoas que integrarão a equipa que irá preparar a **síntese** da consulta.
8. Na reunião, a **oração comunitária e a liturgia** desempenharão um papel vital. A escuta uns dos outros assenta na escuta da Palavra de Deus e do Espírito Santo. É possível recorrer a formas significativas de oração para pedir a orientação e a inspiração de Deus e deixar que torne mais profunda a nossa comunhão uns com os outros. Neste contexto específico, a liturgia e a meditação comunitária da Escritura podem ser meios muito úteis.
9. Pode-se utilizar um método adequado para o **diálogo em grupo** em consonância com os princípios da sinodalidade. Por exemplo, o método do **Diálogo Espiritual** promove a participação ativa, a escuta atenta, a intervenção refletida e o discernimento espiritual. Os participantes formam pequenos grupos de cerca de 6-7 pessoas de diferentes proveniências. Este método leva pelo menos uma hora e compreende três rondas. Na primeira ronda, todos intervêm, cada um por sua vez e com a mesma duração uns dos outros, para partilhar o fruto da sua oração, em relação às perguntas de reflexão previamente distribuídas (cf., acima, *Apêndice B*, n. 5). Nesta ronda, não há discussão e todos os participantes simplesmente escutam com profundidade cada pessoa e prestam atenção à forma como o Espírito Santo se move dentro de si mesmos, na pessoa que fala e no grupo como um todo. Segue-se um tempo de silêncio para registar os movimentos interiores de cada um. Na segunda ronda, os participantes partilham o que mais os impressionou na primeira ronda e que moções sentiu durante o tempo de silêncio. Também pode haver algum diálogo, mantendo, porém, a mesma atenção espiritual. Depois deste momento segue-se, uma vez mais, um tempo de silêncio. Finalmente, na terceira ronda, os participantes refletem sobre o que parece ter mais

repercussão na conversa e o que lhes tocou mais profundamente, sugerindo moções espirituais. É possível verificar que se aprendeu coisas novas e também que há questões que ficaram por resolver. O momento de diálogo pode terminar com algumas orações espontâneas de gratidão. Normalmente, cada pequeno grupo deveria ter um moderador e um secretário. (No website do Sínodo, apresentamos uma descrição mais detalhada deste processo).

10. Uma vez realizado o diálogo em grupo, os participantes devem **rever** e partilhar sobre a sua experiência deste processo no seu pequeno grupo. Como foi a sua experiência? Quais foram os altos e baixos? Que perspetivas novas e frescas que descobriram? Que aprenderam sobre o modo de agir sinodal? Como é que Deus esteve presente e em ação durante o tempo em que estiveram juntos?
11. Depois, os participantes devem decidir sobre o **feedback** que desejam comunicar à equipa organizadora/moderadora. Como base para este feedback a nível local, é possível utilizar as perguntas orientadoras para a síntese diocesana, como se descreve na Parte 4 do *Vademecum* (cf. também *Apêndice D*).
12. Todos os participantes podem, então, reunir-se para concluir a reunião. Um representante de cada pequeno grupo pode partilhar brevemente sobre a experiência do grupo. Os participantes devem ser informados sobre a próxima fase do processo sinodal, para que saibam de que forma o seu contributo será útil a toda a Igreja. Recomenda-se que se conclua a reunião com uma oração ou um cântico de ação de graças.
13. Após a reunião, os membros da equipa organizadora/moderadora podem reunir-se para rever toda a experiência e preparar a síntese com base no feedback apresentado por todos os pequenos grupos. Podem, então, enviar a sua síntese à(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese.
14. Se as pessoas não puderem assistir a uma reunião presencialmente ou online, é preciso fazer um esforço para chegar até elas por mensagens de textos (SMS ou email), por chamadas telefónicas, via rádio ou através outros meios apropriados. É importante que façamos o nosso melhor para ouvir as vozes de todos, especialmente daqueles que são marginalizados.

Para mais recursos, podem consultar o website do Sínodo.

Apêndice C

Reunião Diocesana Pré-Sinodal

Em cada Igreja local, a fase diocesana culmina com uma Reunião Diocesana Pré-Sinodal. Este encontro proporciona a oportunidade de diversos membros da diocese se reunirem para uma celebração litúrgica, para rezar juntos, refletir sobre a sua experiência do Processo Sinodal na diocese, ouvir o feedback que emergiu das reuniões de consulta sinodal em toda a diocese, dialogar sobre a realidade atual da Igreja local e os sinais dos tempos e discernir sobre o chamamento que Espírito Santo está a fazer à diocese no caminho da sinodalidade. Embora grande parte do processo de consulta durante a fase diocesana possa ter ocorrido em comunidades específicas da Igreja local, tais como paróquias, grupos ministeriais e outros grupos eclesiais, o objetivo da Reunião Pré-Sinodal Diocesana é reunir uma secção transversal representativa de *toda* a diocese, incluindo grupos minoritários e pessoas das periferias, e dar a oportunidade aos participantes de rezar, ouvir, refletir e discernir em conjunto. Após esta reunião, o resultado da Reunião Diocesana Pré-Sinodal deverá ser incluído como parte da síntese diocesana, juntamente com as reações que emergiram das reuniões de consulta sinodal de toda a diocese. (cf. *Apêndice D*, para mais informações sobre a síntese diocesana).

Objetivos

- a. Culminar os meses da fase diocesana de consultas sinodais com o Povo de Deus.
- b. Celebrar e refletir sobre as realidades emergentes e sobre a experiência diocesana de percorrer juntos o caminho sinodal.
- c. Destacar os temas principais das consultas diocesanas com um grupo escolhido de representantes de diferentes comunidades da diocese.
- d. Envolver membros de diversas comunidades (paróquias, grupos ministeriais, movimentos, escolas, clero, comunidades religiosas, marginalizados, jovens, grupos culturais, etc.) na reflexão sobre a experiência e o contributo do processo de consulta, tendo em vista a síntese diocesana com base no feedback recebido de toda a diocese.
- e. Escutar o que Deus disse através do povo da diocese, discernir sobre a sua vontade para a Igreja local e sobre os caminhos que Ele convida a Igreja a seguir na diocese no sentido de uma comunhão mais profunda, de uma participação mais plena e de uma missão mais frutuosa.
- f. Fazer emergir boas práticas, caminhos sinodais e um novo impulso e vitalidade no sentido de nos tornarmos uma Igreja mais sinodal de caminho comunitário, de escuta mútua e de corresponsabilidade.
- g. Redigir a síntese diocesana, que transmite o que foi partilhado pelo Povo de Deus durante o processo de consulta na diocese, como contributo para o atual Processo Sinodal de toda a Igreja.

Participantes

Os membros desta reunião sinodal dependem da situação local da diocese. As dioceses podem adaptar estas orientações em função da dimensão da população, das distâncias geográficas,

dos recursos disponíveis, dos contextos culturais das pessoas, etc. O ideal seria incluir entre os participantes:

- O Bispo diocesano, os Bispos auxiliares e a(s) Pessoa(s)/Equipa(s) de Contacto da Diocese;
- Pessoas cujas vozes, muitas vezes, não são ouvidas de forma adequada, tais como pobres, idosos, grupos minoritários, pessoas isoladas, pessoas com deficiência, migrantes, refugiados, comunidades indígenas, etc.;
- Líderes leigos (homens, mulheres, jovens de vários campos de apostolado e organismos diocesanos);
- Outros leigos (homens, mulheres e jovens convidados de paróquias e outras organizações eclesiais);
- Clero (sacerdotes diocesanos, sacerdotes religiosos, diáconos, etc.);
- Membros de Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica (refletindo a diversidade dos carismas) e líderes de instituições com obras de apostolado e caridade;
- Delegados ecuménicos e inter-religiosos interessados (e outros que podem não ser católicos, mas que podem contribuir com perspetivas úteis para a Igreja);
- Pessoas com competências especializadas necessárias para o encontro, incluindo moderadores e especialistas pastorais ou teológicos em eclesiologia.

Agenda e forma da Reunião Diocesana Pré-Sinodal

A agenda deste encontro deveria celebrar a caminho sinodal feito na diocese até ao momento, refletir sobre o feedback recebido do processo de consulta em toda a diocese e avançar para a redação da síntese diocesana que apresenta os frutos da auscultação e discernimento do Povo de Deus na diocese. Esta síntese diocesana será a contribuição da diocese enviada à Conferência Episcopal.

A forma deste encontro deveria ser pensada em discernimento com o Bispo e a(s) Pessoa(s)/Equipa(s) de Contacto da Diocese, para alcançar os objetivos acima mencionados no contexto da diocese (para mais sugestões e recursos, cf. website do Sínodo). É altamente recomendável que a fase diocesana culmine com uma celebração litúrgica, dando graças a Deus pelo que foi vivido e invocando a orientação do Espírito Santo para o caminho que se avizinha. Cada diocese pode discernir sobre o modo como pôr em prática os outros elementos do encontro. A(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese seria(m) responsável(eis) por reunir todas as reações recebidas do processo de consulta em toda a diocese. O feedback poderia ser apresentado aos participantes no encontro que culmina com a fase diocesana.

Possibilidade de realizar Reuniões Sinodais online ou híbridas (E-Synodal Meetings)

Pode ser necessário ou útil organizar reuniões on-line ou híbridas, quer para as sessões de consulta local, quer para a celebração diocesana que culmina o processo em toda a diocese. As reuniões on-line ou uma combinação de reuniões presenciais e on-line podem ser uma opção eficaz, especialmente no contexto da pandemia da Covid-19. É preciso ter particular cuidado para garantir que estas reuniões online ou híbridas se realizem num espírito de oração, comunhão e escuta atenta uns dos outros e do Espírito Santo. Os moderadores devem

verificar que todos os participantes conseguem dar o seu contributo e fazer ouvir a sua voz, mesmo aqueles que se sentirem menos confortáveis ou que estiverem menos familiarizados com a tecnologia.

Papel dos Jovens nas Reuniões Online ou Híbridas (E-Synodal Meetings)

Incentivamos as dioceses a envolver os jovens no planeamento e execução destes encontros sinodais online ou híbridos (E-Synodal Meetings), explorando assim formas criativas de os tornar acessíveis e de facilitar a utilização por parte de todos os participantes, tendo em conta as diferentes necessidades dos diversos grupos etários.

É possível recorrer a vários tipos de ferramentas, como os meios de comunicação social, as plataformas virtuais e a tecnologia interativa, para chegar a mais pessoas e recolher respostas que poderiam ser entregues à(s) Pessoa(s)/Equipa(s) de Contacto da Diocese. Os jovens podem desempenhar um papel fundamental contribuindo criativa e eficazmente para estes esforços.

Apêndice D

Preparar a síntese diocesana

A síntese diocesana transmite os principais resultados do discernimento de todo o Povo de Deus em toda a diocese. Recomenda-se que seja coligida num documento escrito com o máximo de 10 páginas. É possível apresentar, em anexo, outros materiais, tais como imagens, vídeos, histórias, expressões artísticas e testemunhos pessoais, na medida em que ajudem a fazer sobressair a experiência e o contributo dos participantes.

A síntese diocesana deve refletir a diversidade de pontos de vista e opiniões expressas e prestar especial atenção às experiências vividas dos participantes, tanto positivas como negativas. A síntese deve ser fiel às vozes do povo e a tudo o que emergiu do seu discernimento e diálogo, mais do que de uma série de afirmações generalizadas ou doutrinariamente corretas. Os pontos de vista contrários entre si não devem ser omitidos, mas podem ser reconhecidos e declarados como tal. Não se deve excluir pontos de vista só porque foram expressos por uma pequena minoria de participantes. De facto, por vezes a perspectiva do que poderíamos chamar o “relatório da minoria” pode ser uma testemunha profética do que Deus quer dizer à Igreja.

O conteúdo da síntese pode ser organizado de acordo com as seguintes questões, que são deixadas como sugestões. O objetivo é transmitir adequadamente os diversos frutos, pontos de vista, alegrias, e desafios da experiência sinodal e do discernimento entre o povo da diocese:

- Em termos do **processo** de consulta, quais foram os principais passos dados na diocese? Quais foram as principais questões colocadas? O que se fez para envolver o maior número possível de participantes e para chegar às periferias? Em números aproximados, qual a percentagem de pessoas na diocese que participou de uma forma ou de outra? Houve grupos de pessoas cuja participação foi especialmente digna de nota? Houve grupos específicos de pessoas que não participavam por alguma razão?
- O que foi mais significativo em toda a **experiência** da consulta? Quais os pontos altos e os pontos baixos, ou as consolações e desolações? Que disposições, atitudes, ou sentimentos se pôde notar? Quais as tensões ou desentendimentos que surgiram do processo de auscultação? Quais os temas ou questões que deram origem a diversos pontos de vista? Em geral, quais foram os frutos que o Espírito Santo produziu através desta experiência?
- Entre o **feedback** das reuniões locais, o que foi particularmente significativo, surpreendente ou inesperado? Que novas perspectivas ou novos horizontes se abriram? Que histórias particulares ou experiências da vida real foram especialmente comovedoras e porquê? Quais os pontos de vista que parecem ter forte ressonância? Que pontos de vista foram menos mencionados mas que são interessantes e dignos de nota?
- Em geral, o que é que o Espírito Santo inspirou a comunidade a ver acerca da **realidade atual** da sinodalidade na Igreja local, incluindo as luzes e sombras atuais? O que é que os participantes disseram sobre áreas onde a Igreja necessita de cura e conversão, na sua vida espiritual, cultura, atitudes, estruturas, práticas pastorais, relações e saída missionária?

- Como é que o Espírito Santo está a convidar a Igreja local a **crescer** em sinodalidade? Quais os sonhos, desejos e aspirações para a Igreja, que os participantes referiram? Com base no feedback dos participantes, que passos é que a diocese se sente chamada a dar para se tornar mais sinodal? Quais são os próximos passos a dar pela nossa diocese no caminho da sinodalidade, em comunhão com toda a Igreja?
- Que imagem(ns) cultural(is) articula(m) a nossa experiência de sinodalidade?

Recomenda-se que a síntese seja preparada por uma pequena equipa de pessoas e não por uma grande assembleia. Esta equipa desempenhará a sua tarefa em colaboração com o Bispo diocesano e a(s) Pessoa(s) de Contacto da Diocese. Eles devem ler todos os contributos entregues, num espírito de oração. As próprias reuniões da equipa devem ser sinodais e de discernimento espiritual, ouvindo a viva voz do Povo de Deus em toda a diocese, sob a orientação do Espírito Santo.

Cada diocese pode optar por preparar a síntese antes ou depois da Reunião Pré-sinodal Diocesana, desde que os frutos dessa reunião sejam também incorporados na síntese diocesana. Na medida do possível, todos devem sentir que a sua voz ficou representada na síntese. Como modelo de transparência, pode-se tornar público o nome dos membros da equipa de redação, bem como o modo de proceder para sintetizar o feedback. Recomenda-se vivamente que a síntese seja tornada pública depois de elaborada, como pedra de toque para o percurso da diocese ao longo do caminho da sinodalidade. Na medida do possível, pode-se dar oportunidade ao Povo de Deus de rever e responder ao conteúdo da síntese diocesana antes do seu envio oficial à conferência episcopal.